

TAMIRIS MACHADO GONÇALVES

**VOZES SOCIAIS EM CONFRONTO:
SENTIDOS POLÊMICOS CONSTRUÍDOS DISCURSIVAMENTE
NA PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE CHARGES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Maria da Glória Corrêa di Fanti

Porto Alegre
2015

AGRADECIMENTOS

A vida é uma oportunidade: obrigada Deus!

Agradeço ao Alex Monteiro – meu esposo, meu maior incentivador – a motivação, o amor, a compreensão e o carinho.

Agradeço à minha família. Obrigado pela torcida de todos, pelos pensamentos positivos, pelas orações, pelos votos de felicidade, sucesso e realização.

Agradeço às minhas amigas-irmãs, companheiras de todas as horas, Jacira Prado e Mitcheia Guma (em ordem alfabética para evitar possíveis brigas).

Agradeço a todos os amigos que estiveram ao meu lado, torcendo, garantindo risadas, momentos de descontração. Agradeço especialmente a Andreza Teichmann e a Vanessa Barbosa a lealdade, carinho e amizade que têm me dedicado.

Agradeço à minha professora Dulce Tagliani, da Universidade Federal do Rio Grande, toda a atenção. Obrigada por ter-me dado a oportunidade de fazer parte do teu grupo de estudos e, assim, entrar em contato com as ideias de Bakhtin e seu Círculo. Dulce, obrigada pelo teu carinho de sempre e por acreditar que eu poderia aventurar-me nesta caminhada.

Agradeço à minha orientadora, Maria da Glória Corrêa di Fanti. Obrigada por ter me recebido tão carinhosamente, sempre aberta ao diálogo. Agradeço a orientação e os ensinamentos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS a acolhida. Sou grata especialmente à professora Leci Borges Barbisan pelo carinho e atenção dispensados, por suas palavras e ensinamentos. Agradeço a todos os professores do programa por possibilitarem amplas discussões e contribuírem com a minha formação. Agradeço também aos colegas de classe; aos colegas do Núcleo de Estudos do Discurso, especialmente a companheira de pesquisa e discussão teórica sempre tão atenciosa Kelli Ribeiro. Agradeço, ainda, à coordenação e a todos os funcionários do Programa.

Agradeço ao CNPq a oportunidade de ter bolsa integral e, dessa forma, poder me dedicar exclusivamente aos estudos.

Agradeço à banca examinadora. Obrigada por contribuir com sua leitura atenta e possibilitar o diálogo.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a construção deste trabalho. Obrigada.

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada) [...]
(BAKHTIN, [1979] 2011, p. 379)

Processo

*Em construção
Sirvo-me dos exemplos
Sou o que leio,
O que troco
Dialogicamente com o mundo.
Estou em movimento
Converso, escuto
Formo minha tese
No reflexo digerido de tudo
o que está em mim
Reflito. Refrato
Sou todos os olhos que vi
As bocas a perguntar-me inquietas
Os abraços que troquei
As respostas que tive de pesquisar
E o melhor: a incompletude
Aceito a condição de não estar pronto
Aceito o saldo de dúvidas
A insegurança que me frustra
Pois o caminho está aberto*

RESUMO

Veiculada na mídia, geralmente em jornais, a charge é um gênero cuja complexidade se configura como um interessante objeto de análise para se observar como os sentidos se constroem no discurso. Esta dissertação, ponderando tal complexidade e tendo como base a teoria bakhtiniana, visa responder a seguinte questão: Como se dá a construção dialógica de sentidos, considerando a produção e recepção do discurso, em charges tidas como polêmicas? O objetivo geral desta dissertação é analisar como acontece a construção dialógica dos sentidos, considerando o projeto enunciativo das charges e as leituras de seus interlocutores, especificamente naquelas consideradas polêmicas, isto é, charges que apresentaram discrepâncias entre a produção e a recepção dos sentidos e que tiveram repercussão na mídia, devido à diversidade de leituras. Como objetivos específicos, buscamos (a) examinar de que forma diferentes vozes sociais que atravessam charges polêmicas se engendram e refletem e refratam sentidos no discurso e (b) discutir sobre discursos-resposta que emergem a partir das charges polêmicas em questão. Delimitamos como recorte de pesquisa quatro charges polêmicas e onze discursos-resposta dessas charges, todos veiculados em meio digital entre 2011 e 2014, que fizessem referência a fatos divulgados pela mídia brasileira também entre esses anos. No que tange ao embasamento teórico, recorreremos às ideias postuladas por Mikhail Bakhtin e seu Círculo, para quem todo discurso é dialógico, isto é, todo discurso estabelece uma necessária relação com outros discursos, desencadeando diferentes sentidos. A metodologia de análise está alicerçada nas orientações metodológicas apresentadas em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p. 45). Assim, o discurso é considerado a partir do vínculo com seu contexto sócio-histórico, o que remete à necessidade de as análises serem desenvolvidas a partir dos limites de determinada cultura, de modo a compreender as questões discursivas engendradas às esferas sociais de onde emergem. A partir das análises efetuadas, podemos perceber que a discrepância, entre a produção e a recepção dos sentidos das charges polêmicas selecionadas, dá-se na medida em que há valoração diferente por parte dos interlocutores em relação ao projeto de dizer da charge. Outra consideração é que parece não haver um entendimento do que seja esse gênero, o que inviabiliza realizar uma leitura crítica. Esperamos que, com as discussões em torno dos sentidos construídos nos discursos observados, seja possível contribuir para reflexões voltadas ao ensino de leitura e produção textual nas aulas de língua portuguesa, considerando-se a importância do estudo da linguagem em uso, materializada em diferentes gêneros discursivos.

PALAVRAS-CHAVE: Produção e recepção do discurso. Construção de sentidos. Charge jornalística. Teoria bakhtiniana.

ABSTRACT

SOCIAL VOICES IN CONFRONTATION: CONTROVERSIAL SENSES DISCURSIVELY CONSTRUCTED IN THE PRODUCTION AND RECEPTION OF CARTOONS.

Broadcasted in the press, usually via newspaper, the cartoon is a genre whose complexity is set as an interesting object of analysis to observe how the senses are constructed themselves in the discourse. Considering this complexity and based on the Bakhtinian theory, this thesis wants to answer the following question: How is the dialogical construction of senses made, considering the production and reception of the discourse in cartoons that are said to be controversial? The overall objective of this thesis is to analyze how the dialogical construction of the senses happens, considering the enunciative project from the cartoons and the reading of its interlocutors, mainly in those considered to be controversial, thus, cartoons that presented discrepancies between the production and the reception of the senses and that had a repercussion in the media due to a diversity of readings. As specific objectives, we had (a) investigate how the different social voices that go through controversial cartoon engender themselves and reflect and refract senses in the discourse and (b) talk about discourse-response that come out from controversial cartoons. We chose to work with four controversial cartoons and eleven discourse-response from these cartoons, all of them broadcasted on-line between 2011 and 2014, referring to the facts in Brazilian media in between these years. As a theoretical framework, we use the ideas postulated by Mikhail Bakhtin and his Circle, to whom every discourse is dialogic, in other words, the discourse establishes a necessary relation with other discourses, unleashing different senses. Thus, the methodology of analysis is based on the methodological guidance provided in *Marxism and Philosophy of Language* ([1929] 2009, p. 45). That is to say, the discourse is taken into account from the bond with its socio-historical context, which refers to the need of the analysis to be made from the limits of a particular culture in order to understand the discursive issues engendered in the social spheres from which they emerge. After doing the analysis, we can notice that the discrepancy - between the production and reception of the senses from the controversial cartoons picked - is due to the different valuation by the interlocutors in relation to the project of saying from the cartoon. In addition to that, there seems to be no understanding of what this genre is, which prevents a critical reading. We hope that with the discussions about the constructed senses in the observed discourses, we can contribute with reflections aimed at the teaching of reading and textual production in Portuguese classes, considering the importance of the study of language in use, materialized in different discursive genres.

Keywords: Production and reception of discourse. Construction of senses. Newspaper cartoon. Bakhtinian Theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1 A LINGUAGEM EM PERSPECTIVA DIALÓGICA	16
1.2 OS GÊNEROS DO DISCURSO	35
1.2.1 O gênero charge jornalística.....	42
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
3 VOZES EM CONFRONTO NA PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE CHARGES: SENTIDOS POLÊMICOS EM CIRCULAÇÃO	53
3.1 ABANDONO DE ANIMAIS	53
3.2 BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA	62
3.3 MORTE TRÁGICA	68
CONSIDERAÇÕES (FINAIS)	80
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

Há muito repousa sobre mim a curiosidade em torno da charge tanto no que se refere ao processo de criação quanto ao de recepção. Durante meu estágio na graduação em Letras Português-Espanhol, lembro-me do desafio de trabalhar com esse gênero discursivo, pois os alunos tinham dificuldades em compreender e interpretar charges, e eu, por vezes, tinha insegurança acerca da metodologia que deveria usar para a análise.

Na graduação também foi que entrei em contato, através de um grupo de discussão no núcleo de estudos em Língua Portuguesa da Universidade Federal de Rio Grande, com a teoria de Bakhtin e seu Círculo. A identificação foi imediata.

A afinidade aconteceu porque, depois de estudar algumas teorias, percebi que os postulados bakhtinianos constituem um arcabouço teórico-reflexivo para compreender como pode se dar a construção do sentido em discursos híbridos como é o caso das charges que, muitas vezes, possuem em sua formação as linguagens verbal e não verbal. Ademais, entendo a natureza da linguagem como dialógica; que somos a todo tempo esse diálogo eu/outro; que somos discursos em movimento eterno de réplica e, ao mesmo tempo, de projeção, solicitação e condição dos ditos que estão por vir.

Quando, em 2013, ingressei no mestrado em Letras, área de concentração em Linguística, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – através das disciplinas cursadas, das leituras realizadas e a partir do projeto de pesquisa “Vozes em (Dis)curso: estudo da produção de sentidos”¹, do Núcleo de Estudos do Discurso, pude aprofundar os estudos acerca da teoria bakhtiniana e compreender que essa teoria possibilita problematizar a produção, circulação e recepção do discurso nos mais variados campos de atuação humana. Além disso, questões como a unicidade e a eventicidade do Ser, a relação eu/outro, a axiologia inerente ao ato humano, conceitos elaborados pelos estudos bakhtinianos, ajudam-nos a compreender e conceber a linguagem e a partir daí construir nosso ponto de vista – lembrando o que disse Saussure, em *Curso de Linguística Geral*, que o ponto de vista é que faz o objeto.

¹ Esta dissertação está vinculada ao projeto de pesquisa *Vozes em (Dis)curso: estudo da produção de sentidos* (Di Fanti, 2010) que integra o grupo de pesquisa *Tessitura: Vozes em (Dis)curso* (PUCRS-CNPq), coordenado pela Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti, do Núcleo de Estudos do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística da PUCRS.

Sendo assim, pensar em como acontece a construção dialógica dos sentidos na charge de modo a compreender sua produção e recepção tornou-se um objeto de pesquisa e os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin possibilitaram a discussão sobre essa problemática. Dessa maneira, eu estaria relacionando duas questões que me eram interessantes: a charge e a teoria dialógica do discurso. Levando em consideração a importância social do gênero charge no que diz respeito à sua característica crítica, analisar charges, e refletir sobre elas, torna-se relevante por levar o sujeito a perceber a mobilização dos discursos sociais evocados nos enunciados do gênero charge, a fim de compreender como acontece a construção dialógica dos sentidos e, nesse ato, levantar a discussão acerca da formação crítica de leitores.

Presente no cotidiano, veiculada em diferentes mídias, a charge é um gênero que se configura como um interessante objeto de estudo, tendo em vista a complexidade da construção do discurso e da decorrente formação dos sentidos. O discurso chárstico, como todo o enunciado vivo e concreto, jamais pode ser desvinculado de sua situação de produção. Talvez o que particularize a charge seja o fato de ela recuperar valorativamente, muitas vezes de modo velado, temas da atualidade que, se não identificados pelo leitor, prejudicam o entendimento dos sentidos produzidos, sobretudo no que tange ao projeto enunciativo de estabelecer uma crítica², nem sempre aparente, sobre determinado tema.

Todo discurso estabelece uma necessária relação com outros discursos, desencadeando diferentes sentidos, sendo este o princípio da linguagem, segundo a concepção dialógica desenvolvida por M. Bakhtin e seu Círculo. O princípio dialógico está na base da construção dos sentidos. Levando em consideração esse princípio, podemos observar que, no discurso chárstico, acontece um movimento tenso de diálogo entre vozes, uma vez que, na natureza de sua constituição, estão presentes discursos os quais a originaram e com os quais ela dialoga de forma conflitante, por meio da crítica.

Dessa maneira, torna-se oportuno identificar e discutir a respeito das diferentes vozes que atravessam a charge e os efeitos do atravessamento dessas vozes para se compreender os sentidos em circulação. Todavia, como a construção do sentido é edificada na relação entre os parceiros da comunicação discursiva – o *eu* e o *tu* –, é oportuno compreender as vozes que emergem como uma contrapalavra do discurso

² Entendemos a palavra *crítica* atravessada por uma entonação de apreciação ou julgamento de valor. Não a tomamos com entonação de censura ou depreciação.

“fonte” (fatos acontecidos na sociedade que originam charges), a fim de analisar como acontece a construção dos sentidos nessa relação dialógica e tensa.

Do conjunto de charges postas em circulação, interessa-nos, para este trabalho, charges que consideramos polêmicas³, devido ao fato de apresentarem discrepâncias entre a produção e a recepção dos sentidos, o que é percebido pela repercussão na mídia, no que se refere ao embate de posições devido à diversidade de leituras. Sendo assim, o problema de pesquisa é: Como se dá a construção dialógica de sentidos, considerando a produção e recepção do discurso, em charges tidas como polêmicas?

Tendo em vista tais ponderações, o objetivo geral deste trabalho é analisar como acontece a construção dialógica dos sentidos, considerando o projeto enunciativo da charge e as leituras de seus interlocutores, especificamente em charges consideradas polêmicas, isto é, charges que apresentam discrepâncias entre a produção e a recepção dos sentidos e têm repercussão na mídia, devido à diversidade de leituras.

Como objetivos específicos, buscamos (a) examinar de que forma diferentes vozes sociais que atravessam charges polêmicas se engendram e refletem e refratam sentidos no discurso e b) refletir sobre discursos-resposta que emergiram a partir das charges polêmicas em questão.

Delimitamos como recorte charges polêmicas e discursos-resposta dessas charges, todos veiculados em meio digital, como *sites*, blogues e jornais on-line, entre 2011 e 2014, que fizessem referência a fatos divulgados pela mídia brasileira também entre esses anos. Do montante encontrado, selecionamos para reflexão quatro charges polêmicas, que chamamos, no decorrer da análise, de charges principais, e onze discursos-resposta a elas relacionados.

Toda a metodologia de análise está alicerçada nas orientações metodológicas apresentadas em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p. 45), a saber, (a) *não separar a ideologia da realidade material do signo*; (b) *não dissociar o signo das formas concretas de comunicação*; (c) *não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infraestrutura)*. Assim, o discurso é considerado a partir do vínculo com seu contexto sócio-histórico, o que remete à necessidade de as análises serem desenvolvidas a partir dos limites de determinada cultura, de modo a compreender as questões discursivas engendradas às esferas sociais de onde emergem.

³ A noção de polêmica existe nos estudos do Círculo, ela aparece em *Problemas da poética de Dostoiévski* (1929). Todavia, nesta dissertação, estamos empregando a palavra *polêmica* no sentido de controvérsia, divergência e não como a entende Bahktin no livro mencionado.

Nessa perspectiva, no desenvolvimento da análise, os discursos são considerados a partir da situação de produção e do *horizonte social* em que se inscrevem. Para tanto, apresentamos os discursos que dão origem a cada uma das quatro charges principais, visando não só analisar o funcionamento da produção de sentidos, mas também levantar possibilidades de compreensão do conflito de vozes nas polêmicas apresentadas.

As análises são desenvolvidas tendo-se em conta as diferentes vozes que atravessam as charges e emergem delas. Por isso, no que se refere aos procedimentos metodológicos, são examinados, por um lado, como ocorre a construção dialógica dos sentidos das charges polêmicas e, por outro, como os leitores se posicionam a respeito delas.

Entendemos que estudar as diferentes vozes que atravessam as charges e emergem delas possibilita trazer à reflexão o funcionamento do discurso e as valorações que se engendram em sua tessitura. Em vista disso, como embasamento teórico, recorreremos às ideias postuladas por Bakhtin e seu Círculo, especialmente os conceitos de gêneros discursivos, enunciado, palavra, acento de valor e vozes sociais.

O discurso, conforme as ideias de Bakhtin, desenvolvidas em o *Dicionário de Enunciação*, é entendido como

[...] um fenômeno social complexo, multifacetado, que nasce a partir do diálogo entre discursos diversos. Constitui-se no âmbito do já-dito e, ao mesmo tempo, é orientado para o discurso-resposta que é solicitado a surgir. Todo discurso responde a outros dizeres e, por conseguinte, é tecido heterogeneamente por uma diversidade de vozes (posições sociais, pontos de vista) mais ou menos aparentes [...]. O discurso, desse modo, configura-se a partir de um entrelaçamento de interações sociais complexas [...] (DI FANTI, 2009, p.84).

Dessa maneira, na citação podemos perceber que o discurso é tomado como a língua/linguagem concreta e viva. Por meio das enunciações, o discurso constitui-se como um *fenômeno social*⁴ complexo, advindo das relações humanas mais variadas. Amparado no curso do tempo, o discurso está em diálogo com já-ditos, discursos passados, bem como com a projeção de discursos-resposta, discursos futuros solicitados pela situação enunciativa. Sua complexidade está na diversidade de vozes que o constituem. Essas vozes são as apreciações, os pontos de vista, as valorações que o sujeito exprime frente ao mundo que a ele se coloca e diante de seus parceiros na comunicação discursiva. Isso significa dizer que o discurso nutre-se de enunciados concretos produzidos por sujeitos históricos sempre em relação dialógica e sob posições

⁴ Em *O discurso no romance*, Bakhtin ([1929] 1998, p. 71) ressalta que o discurso é um fenômeno social.

avaliativas que movimentam a permanente renovação dos sentidos (BAKHTIN [1929] 2008, p. 71; 86-89).

Em seu caminho até o objeto, o discurso encontra-se com discursos outros que lhe antecedem e lhe sucedem. Essa orientação dialógica é característica do próprio discurso e acontece necessariamente na enunciação concreta. A charge, nosso objeto de estudo, é um gênero discursivo que se origina de fatos sociais e os (re)significa para construir seu próprio discurso que, engendrado pela posição avaliativa de seu locutor situado em um tempo e espaço definidos, irá colocar-se como único na cadeia discursiva.

O discurso, portanto, traz consigo a multiplicidade de vozes que o constituem a partir das diferentes experiências de interação humana. É essa diversidade de vozes, pois, que nos leva a considerar que a linguagem não é reflexo direto da realidade dos fatos da vida, mas materializa-se como construção discursiva dos fatos sociais e deixa entrever, a partir dos signos ideológicos, as apreciações valorativas sobre o mundo em que o ser humano está inserido.

Acontece que os signos não são um decalque da realidade – porque esta é uma construção semiótica –, eles a refletem (reverberam a realidade a que apontam) e refratam (são interpretados de acordo com as múltiplas vivências). A esse respeito, Faraco (2009, p. 50-53) observa que os signos podem apontar para a materialidade do mundo, sua realidade externa, mas esse processo acontece de modo refratado. Explica o autor que a noção de refração diz respeito às valorações que se inscrevem no signo, são os múltiplos modos de semantização dos fatos da vida social, gerados a partir das experiências humanas com base na carga história que carregam, devido à heterogeneidade de sua práxis. Em vista disso, no processo de constituição dos sentidos, então, temos dois movimentos imbricados: o reflexo e a refração.

Nessa perspectiva, o sentido do signo não é imanente, não é dado por si. Os sentidos, pois, são construções humanas experienciadas a partir de grupos socialmente organizados e só podem ser plenos na enunciação. Devido à multiplicidade e heterogeneidade das relações humanas, os signos estão sempre carregados das interpretações do mundo que se produzem na e por meio da enunciação. As relações dialógicas alimentam essas interpretações do mundo, atualizando, no discurso, o que as relações lógicas (fenômenos sintáticos, semânticos e lexicais) sinalizam como possibilidade de sentido.

Consoante a essas reflexões, no discurso não há neutralidade. Os signos ideológicos, as palavras, os enunciados são sempre orientados de maneira apreciativa. Para Bakhtin/Volochínov⁵ ([1929] 2009. p. 32), todo o signo está sujeito à avaliação ideológica, ou seja, se é verdadeiro, correto, justificável, falso, errôneo. Em seguida, o autor ressalta que o “domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos” (p.33). Assim, aquilo que é ideológico é também semiótico.

Posicionando-se contrariamente a perspectivas idealistas e psicologistas, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009. p. 33-34) explica que a compreensão dá-se por meio de material semiótico; a própria consciência existe mediante esse material advindo das relações sociais, da interação entre os sujeitos. A consciência, diz o autor, só se constitui como tal quando carregada de conteúdo ideológico.

Essa asserção instaura a noção de sujeito como ser social, circunscrito em uma cultura que lhe é constitutiva, colocando em questão o caráter biologizante e inato da linguagem. Se os signos são oriundos das relações interindividuais, não são algo dado *a priori*, nem uma condição da espécie humana, uma vez que “não basta colocar dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam organizados, que formem um grupo” (p.35). Nesse sentido, a consciência toma forma a partir do material semiótico (ideológico) criado por determinado grupo social através da interação que se dá entre sujeitos. Por conseguinte, ela própria deve ser explicada como um fato socioideológico.

Assim, podemos perceber que nos pressupostos do Círculo a constitutiva e tensa relação com o outro é a base para a construção das noções de discurso, sujeito e sentido, por meio de relações dialógicas e ideológicas baseadas na alteridade. Isso implica pensar que as análises que pretendem explorar a linguagem, se baseadas no aparato teórico-metodológico de Bakhtin, têm de ser observadas em relação com sua situação de produção e recepção. Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009. p. 72-73) explica que, devido à complexidade do fenômeno da linguagem humana, seus procedimentos técnicos de pesquisa devem estar ancorados em uma perspectiva que a compreenda na esfera da relação social organizada. Assim, situar os sujeitos e os objetos de análise no tempo e

⁵ Nesta dissertação, não entramos na discussão acerca da autoria dos textos considerados disputados. Assim sendo, citamos os nomes conforme as referências consultadas apresentam. No caso de *Marxismo e filosofia da linguagem*, por exemplo, temos um autor, mas a menção de dois nomes, por isso Bakhtin/Volochínov. Como a questão autoral discute se um ou outro é o autor, não creditando em dupla autoria, os verbos são colocados no singular – a julgar pela própria apresentação do livro feita por Roman Jakobson que traz verbos no singular.

no espaço é observar a linguagem em sua *unicidade social* e em seu *contexto social imediato*.

Quando o fato de linguagem é observado na esfera social – de modo que o pesquisador traga para sua análise elementos que possibilitem compor a situação enunciativa em que o recorte foi realizado –, temos, ao contrário de uma redução, uma ampliação do objeto de pesquisa, considerado em sua complexidade. Claro que o fenômeno em si comporta dificuldades no sentido de que um recorte de análise encerra na restrição do próprio objeto, porém as diretrizes metodológicas que o Círculo propõe visam a não restringir a linguagem ao seu componente puramente linguístico ou a qualquer fator visto isolado e superficialmente.

Esta dissertação está organizada em três capítulos seguidos das considerações finais. O primeiro capítulo, intitulado *Fundamentação teórica*, apresenta conceitos que servem de base para esta pesquisa e se encontra organizado em duas seções: a) *Linguagem em perspectiva dialógica* e b) *Gêneros do discurso*, que tem como subseção a *Charge jornalística*.

O segundo capítulo ocupa-se da metodologia de seleção e análise do material. A metodologia de coleta do material consistiu em selecionar charges que tivessem especificamente gerado comentários que deixassem entrever que o leitor valorou de maneira diferente os elementos verbais, visuais ou verbo-visuais que o projeto enunciativo da charge delineou.

O terceiro capítulo, intitulado *Vozes em confronto na produção e recepção de charges: sentidos polêmicos em circulação*, apresenta reflexões, a partir dos postulados teóricos que sustentam nossa pesquisa, sobre a leitura/recepção de quatro charges e onze discursos-resposta edificadas por razão das charges em questão.

Por fim, nas considerações finais, fazemos o relativo acabamento desta dissertação. Nossa proposta é sublinhar pontos importantes e complementar outros, a fim de possibilitar a conclusibilidade necessária para dar lugar à atitude responsiva do outro, de outros pesquisadores no que tange aos sentidos produzidos nesta dissertação. Esperamos, pois, com as reflexões obtidas a partir do material enunciativo analisado, motivar pesquisas que contemplem o processo de produção e recepção de charges a fim de que possamos discutir questões de leitura e formação crítica de leitores e, sobretudo, compreender como acontece a relação gênero discursivo, charge, sentido.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Embora a linguagem constitua o ser humano, no que tange a seus estudos, nem sempre se teve uma investigação científica. Para Câmara Jr. (2011 p. 09-14), o interesse pelo estudo da linguagem dá-se à medida que a sociedade foi-se desenvolvendo e tornando-se mais complexa. A esse respeito, o autor elencou sete fatores que desencadearam sete tipos de investigação acerca da linguagem. Tomemos, de maneira breve, conhecimento dessas classificações a fim de compreender como o estudo da linguagem ganhou estatuto de ciência e qual foi a implicação dessa condição no entendimento dos fenômenos da linguagem questionados pelo Círculo de Bakhtin.

A diferenciação de classes sociais deu origem ao estudo do certo e do errado, perspectiva que motivou o surgimento das gramáticas com caráter normativo. O contato entre comunidades de fala diferentes ocasionou o estudo da língua estrangeira. O interesse pelas diferenças linguísticas do passado e do presente possibilitou o estudo filológico da linguagem que surgiu com a necessidade de compreender textos escritos em línguas obsoletas. O desenvolvimento da ciência, em sentido amplo, motivou o surgimento de um viés híbrido filosófico e linguístico, o chamado estudo lógico da linguagem. Já a expansão dos conhecimentos científicos promoveu o estudo biológico da linguagem. O entendimento de sociedade humana como fenômeno histórico, por sua vez, deu origem ao estudo histórico da linguagem. Por fim, a percepção acerca da função social da linguística e os meios pelos quais ela preenche essas funções acarretou no estudo descritivo da linguagem.

Nos tipos de estudo mencionados por Câmara Jr., estão perspectivas que se colocam em um paradigma científico e outras que se distanciam desse, o que demonstra que há muito a linguagem vem sendo estudada, mas certamente o uso e os estudos de suas finalidades práticas antecedem a reflexão e a análise científica. De todas as pesquisas apontadas por Câmara Jr., os estudos histórico e descritivo da linguagem enquadram-se como científicos por apresentarem rigor metodológico, estarem baseados em pressupostos e utilizarem procedimentos de análise e metalinguagem específica.

Ao longo da história que envolve os fenômenos da linguagem, muitas teorias surgiram, cada uma com seu objeto de estudo definido e todas com consequências na forma como olhamos nosso objeto de trabalho. Centremos, então, por um momento, nossa atenção nos estudos descritivos realizados por Ferdinand Saussure, estudioso que

inseriu a Linguística no ramo da ciência – e que o Círculo de Bakhtin considerou em suas reflexões.

Em uma perspectiva científica, pautada no racionalismo do século XIX, Saussure – cujas ideias tivemos acesso por meio da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral* e, posteriormente, *Escritos de Linguística Geral* –, nos primeiros anos do século XX, delimitou que o objeto de estudo da Linguística seria a língua, entendida como um sistema de normas, de signos, utilizado como meio de comunicação entre os membros de determinada comunidade. De caráter social – porque é compartilhada entre falantes de um mesmo idioma –, a língua, segundo Saussure, é um conjunto estável de leis que se impõe ao indivíduo enquanto norma. Por sua sistematicidade e autonomia, é que a língua é passível de ser estudada em si mesma e por si mesma (o chamado estudo imanente da língua).

Embora no *Curso de Linguística Geral* seja reconhecido que a linguagem é constituída de língua e fala, os estudos estão centrados na noção de língua, por ser esta homogênea, existir na e para a coletividade e ser duradoura. Essas características constituem condições de possibilidade de análise científica, nos moldes da ciência na época do *Curso*. Tendo o livro a investigação centrada na língua, o caráter individual da linguagem, a fala, foi, então, deixado de fora e nesse ato também não são contempladas as noções de sujeito, sociedade e língua em uso. Sendo assim, durante muito tempo, devido ao recorte teórico de Saussure, os estudos pautaram-se no sistema linguístico, nas normas que o constituem, e o sujeito foi excluído dos debates, bem como a diversidade, a realidade concreta, o caráter inovador inerente ao ato individual e criativo da linguagem.

É oportuno ressaltar que isso só pode ser dito no que se refere ao livro *Curso de linguística geral*, pois com a publicação dos *Escritos de Linguística geral* a proposta de Saussure poderia ter sido interpretada de outro modo. A *Nota sobre o discurso* que consta no livro demonstra que o discurso havia, sim, sido pensado por esse estudioso, apenas não foi seu objeto de pesquisa. Conforme nos alerta Barbisan (2013, p. 163-166), “uma leitura atenta desse texto mostra o quanto é complexa a natureza da linguagem”. Nele Saussure (2012, p. 235) aborda a relação entre *língua* e *discurso* e se preocupa em compreender como a língua torna-se discurso.

Porém, como os manuscritos que deram origem aos *Escritos de linguística geral* só foram descobertos em 1996, a publicação que impulsionou as bases da linguística moderna foi o *Curso de linguística geral* e o século XX teceu suas críticas sobre esse

livro. Foi nessa perspectiva que, meio a um tenso diálogo, outras reflexões apareceram no que tange aos estudos de linguagem. As discussões em torno da dita dicotomia *língua e fala* foram ampliadas e foi sentida, ainda mesmo no século XX, a necessidade de se discutir acerca do lugar do discurso. Nesse sentido, teorias enunciativas e discursivas surgiram e, sob diferentes perspectivas, passaram a desenvolver reflexões tendo como base o entendimento de que “a língua e o emprego da língua são indissociáveis” (DI FANTI e BARBISAN, 2012, p.08).

Destacamos, nessa direção, os estudos de Bakhtin e seu Círculo. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p 71-92), Bakhtin/Volochínov levanta questionamentos acerca de qual seria o objeto da filosofia da linguagem, qual sua natureza concreta e qual metodologia empregar para estudá-lo. Neste capítulo da dissertação, além de tratarmos de questões de linguagem para o Círculo de Bakhtin, apresentamos reflexões sobre os gêneros do discurso e sobre a charge jornalística, tendo em vista o objeto de estudo deste trabalho.

1.1 A LINGUAGEM EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Ao longo de suas explicações, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009) afirma que o método sociológico seria adequado para tratar da linguagem, porque parte da análise da interação verbal em relação com suas condições de produção para, então, alcançar a análise das formas da língua. Em seguida, o autor estabelece um debate com duas orientações do pensamento filosófico-linguístico do século XX, as quais foram denominadas de *subjetivismo idealista* e *objetivismo abstrato*.

O subjetivismo idealista vê o “ato de fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda a atividade de linguagem sem exceção). Assim, o psiquismo individual constitui a fonte da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929], 2009, p.74). Essa orientação vai ocupar-se do estudo da enunciação como um ato de criações individuais que dão forma à língua, entendida como um curso ininterrupto de atos de fala. Já no objetivismo abstrato, o que norteia os fatos da língua e faz dela uma ciência é o *sistema linguístico*, entendido como “o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais” (p.79, itálico do autor). É, pois, a língua compreendida como um produto acabado, estável, um conjunto permanente de normas abstratas que só têm valor entre si.

Opondo-se a essas duas correntes, Bakhtin/Volochínov, em seu livro de 1929, entende que a língua, por ser dinâmica, só pode ter sua concretização na enunciação⁶, materialização da interação verbal social entre sujeitos ativos. Nota Bakhtin/Volochínov que

[...] na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística ([1929] 2009, p. 98).

Nessa perspectiva, podemos perceber que a língua constrói-se a partir do discurso, daqueles usos que determinada sociedade faz das palavras que se utiliza. O sistema linguístico advém do uso, do discurso; em um movimento contínuo e circular, discurso e sistema constituem-se e são constituídos um a partir do outro. Com base no uso, o sistema linguístico se constrói e o discurso é edificado devido à sistematização que se dá ao longo do tempo e a atualização que acontece no momento da enunciação.

Em oposição às tendências filosófico-linguísticas da época, Bakhtin/Volochínov, em *Marxismo e Filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p.45), apresenta que no estudo dos signos não devemos separar a ideologia de sua realidade material, nem dissociar o signo de suas formas concretas da comunicação social, tampouco desassociar a comunicação e suas formas de sua base material. Essas são atitudes que mantêm a análise dos signos sempre vinculada ao seu contexto de aparição. Com essas reflexões, o Círculo propõe que o signo origina-se de um processo de interação, por isso sua constituição enquanto signo ideológico está sujeita às condições sociais e à situação em que a interação acontece. Por esse motivo não pode ser estudado como aspecto linguístico isolado.

⁶ No ensaio *Os gêneros do discurso*, há uma nota de rodapé dos tradutores explicando que “Bakhtin emprega o termo *viskázivanie*, derivado do infinitivo *viskázivat*, que significa ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras. O próprio situa *viskázivanie* no campo da parole saussuriana. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (Hucitec, São Paulo), o mesmo termo aparece traduzido como ‘enunciação’ e ‘enunciado’. Mas Bakhtin não faz distinção entre enunciado e enunciação, ou melhor, emprega o termo *viskázivanie* quer para o ato de produção do discurso oral, quer para o discurso escrito, o discurso da cultura, um romance já publicado [...]” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 262). Souza (1999, p. 85), a respeito do mesmo tema, menciona que nas edições francesas e brasileiras os termos *enunciação* e *enunciado* equivalem-se.

Toda essa explanação nos demonstra quanto o Círculo se afasta de teorias como o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista. Assim, nem o ato de fala individual nem o sistema estável podem ser a essência da língua/linguagem. Tampouco o modo de existência dela está no processo de criação, nem na imutabilidade das normas dentro do sistema. Isso porque a linguagem é um fenômeno dinâmico: existe o aspecto reiterável da forma linguística, mas também há o evento, o novo que permite a construção de diferentes sentidos, o que garante a renovação dos signos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929], 2009, p. 72; 73; 92).

Dando continuidade, é oportuno mencionar, então, que o sistema é importante porque é tecido a partir dos usos que os falantes fazem de determinada língua e porque possibilita a comunicação entre todos que compartilham um mesmo idioma. E a criação, o arranjo que o sujeito faz, é também importante na medida em que deixa entrever o estilo do indivíduo, mas não que uma ou outra face se sobressaia, como tentava colocar em evidência cada tendência linguística criticada por Bakhtin. O sistema é uma abstração que só existe porque existe uma sociedade que o motivou. Já a ação individual só é particular porque se trata da ação que um indivíduo pratica de uso da própria língua, contudo esta atividade também é plural haja vista a face social da própria subjetividade.

Bakhtin/Volochínov ([1929], 2009, p. 133-141) ressalta que a enunciação constitui-se dessas duas faces: o dado e o novo. O dado contempla os elementos reiteráveis e idênticos, que ele denomina significação. Já o novo é a noção de tema que tem por base a expressão dinâmica, singular e dialógica da enunciação. Assim sendo, a significação é o conjunto de significações que os elementos linguísticos carregam, são os elementos abstratos fundados por meio de convenções. Portanto, a significação é o “aparato técnico para a realização do tema” (p. 134), sempre dinâmico e complexo por estar atrelado às condições de sua produção. O tema é o sentido oriundo da enunciação concreta. Tema e significação complementam-se, um não existe sem o outro.

A reflexão apresentada por Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e filosofia da linguagem* não pretende tirar a credibilidade dos estudos linguísticos e estilísticos desenvolvidos pelas tendências intituladas *subjetivismo idealista* e *objetivismo abstrato*, senão assinalar que pode haver outra “via de enfrentamento das questões da linguagem, que não se restringiria à formalização abstrata nem às especificidades dos talentos individuais” (BRAIT, 2005, p. 95-96). A teoria do Círculo de Bakhtin é uma delas.

Teoria enunciativa bakhtiniana, teoria da enunciação bakhtiniana, teoria dialógica e teoria dialógica do discurso são algumas das formas de se referir ao constructo teórico oriundo de Mikhail Bakhtin e seu Círculo de estudos. Segundo Faraco (2009, p. 13), o grupo era composto por intelectuais que se reuniram regularmente de 1919 a 1929 na Rússia. Constituído por pensadores com diferentes formações e diferentes interesses, o resultado foi um grupo multidisciplinar. Os integrantes que mais se dedicaram aos estudos da linguagem são Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochínov e Pavel N. Medvedev.

Ainda de acordo com Faraco (2009, p. 13), a denominação de Círculo de Bakhtin “foi-lhes atribuída *a posteriori* pelos estudiosos de seus trabalhos, já que o próprio grupo não a usava”. São considerados os eixos nucleares do pensamento bakhtiniano a unicidade do ser e do evento, a não separação do mundo da teoria do mundo da vida, a relação eu/outro e a dimensão axiológica inerente ao ser humano (p.18).

Pensemos em cada uma dessas afirmações. Quando é colocada a questão da unicidade do ser e do evento, há a necessidade de se compreender que na subjetividade está o ato único, irrepitível, singular; o ser é entendido como um evento único. No que tange à separação do mundo da teoria do mundo da vida, Bakhtin em *Para uma filosofia do ato responsável* ([1920-1924] 2010) observa que esses dois mundos estão afastados porque o fazer científico desloca o sujeito de sua subjetividade, de sua realidade. À razão teórica não cabe o singular, mas o genérico, o universal. Criticando o que chama de teoreticismo, o autor explica que o pensamento abstrato separa o conteúdo do ato de sua eventicidade, isto retira do ato a realidade irrepitível, a fim de torná-lo objetivo.

Na concepção do Círculo, a ciência teria de contemplar a unicidade do ser e do evento, não podendo ser despersonalizada. Motivados por isso, os pensadores do Círculo fazem, em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p. 71-92), uma crítica ao racionalismo, quanto a sua maneira de compreender a língua.

Na relação eu/outro também perpassa a questão da unicidade do ser e do evento. A singularidade é, pois, sempre plural. Da relação eu/outro advêm nossas particularidades, já que o ser se constitui sempre por meio das relações sociais. É na interação eu/outro que se constrói o sujeito; é por meio da alteridade que nos reconhecemos. Isso acontece porque o *eu* e o *outro* configuram diferentes universos axiológicos que dão diferentes perspectivas à maneira como cada um observa o mundo. Nesse momento já estamos tratando da dimensão axiológica que compõe o ser humano,

ou seja, o universo de diferentes valores em que estamos circunscritos. Notemos que os conceitos estão interligados.

Essas são noções nucleares que vão formar as bases de uma filosofia dialógica, uma forma de observar o mundo. Bakhtin e seu Círculo estão preocupados em lidar com um sujeito concreto, real, singular. A interação um/outrem, no sentido de que o comportamento de cada indivíduo é estímulo para o outro, é o alicerce de uma teoria que acredita que tudo está pautado no diálogo permanente.

O diálogo, então, é eixo norteador da teoria do Círculo. No entanto, quando se fala nessa noção não se está abordando o diálogo como simples interação face a face entre falante e ouvinte, como forma composicional como os diálogos de um romance, por exemplo, ou ainda como modo de resolução de conflitos. Para além dessas questões, o diálogo é visto como um movimento de tensas relações de sentido. O diálogo em sentido restrito é apenas uma das manifestações dialógicas que está contida na proposta de diálogo no sentido amplo: as complexas relações sociais e as valorações que delas emanam. Bakhtin/Volochínov afirma que

[...] o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja ([1929] 2009, p. 127).

Assim, o pensamento bakhtiniano está fundado no *dialogismo*, esse princípio constitutivo do discurso, da linguagem, do sentido, do sujeito. É na influência recíproca entre dois ou mais elementos, isto é, são as interações que acontecem no curso do tempo, em um espaço social definido e sob um complexo ambiente de intercursos socioculturais que o dialogismo tem lugar, porque a relação com o outro é constitutiva.

Bakhtin ([1975] 2002, p. 88) enfatiza que a natureza dialógica é um fenômeno de todo discurso, pois em “todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”. Assim, podemos dizer que o sujeito está inserido em uma complexa sociedade rodeada por discursos, com os quais está em permanente diálogo.

A compreensão da linguagem como um processo dialógico inconcluso que requer a permanente relação com o outro só pode existir no momento em que há o

entendimento de que ela é produto da atividade humana em sociedade. Isso porque a linguagem é constituída de enunciações que estão no meio social, que são a materialização verbal de sujeitos localizados em um tempo e um espaço definidos. A enunciação acontece a partir da inter-relação entre enunciações de sujeitos históricos. Sendo assim, não há enunciado inédito ou isolado, todo o enunciado se relaciona com outros que o antecedem ou o sucedem. Para Sobral (2009, p.33),

[...] o conceito de dialogismo, vinculado indissolúvelmente com o de interação, é assim a base do processo de produção dos discursos e, o que é mais importante, da própria linguagem: para o Círculo, o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda a enunciação é uma “resposta”, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo, uma “pergunta”, uma “interpelação” a outras enunciações: o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva mas como parceiro – colaborativo ou hostil – ativo. (*aspas do autor*)

O dialogismo, por conseguinte, é condição para a linguagem e para a constituição do sujeito como ser social. Isso porque é a partir das interações com outros seres sociais que temos contato com a linguagem, a partir dos usos nas mais diferentes situações comunicativas a que somos expostos. Também nesse processo de interação com outros seres vamos nos constituindo como sujeitos. O dialogismo é constitutivo da linguagem, dos discursos, do ser, pois não há nenhuma dessas noções senão por meio da relação de diferença com o outro.

Nessa concepção, a noção de linguagem/língua é entendida como um fenômeno vivo que se nutre do contínuo desenvolvimento social. Esse movimento dá-se sempre no processo de relação entre sujeitos, a partir dos intercursos comunicativos que elaboram os mais diversos tipos de enunciações, correspondentes aos diferentes tipos de *intercâmbios comunicativos*, isto é, as distintas maneiras de comunicação discursiva advindas do meio social. Os tipos de intercâmbios comunicativos constroem, organizam e completam, a partir de si, a forma composicional e o estilo dos tipos relativamente estáveis de enunciados, a saber, os gêneros do discurso.

O entendimento de que a vida social alimenta o discurso, dando condições à constituição da linguagem, é o norte que não permite que a compreendamos como algo morto ou encerado em um dicionário, bem como autoriza que se conceba a enunciação e todos os fenômenos a ela envolvidos como uma *gota no rio da comunicação verbal*, entendido como um processo ininterrupto da vida social. Por isso, qualquer enunciação

só pode ser compreendida tendo em conta seu vínculo com o tempo histórico da própria enunciação.

Assim, o fato social da interação verbal, representado por uma ou mais enunciações, é a essência da linguagem, dele advém a mutação das formas da linguagem, que tem como unidade real o enunciado. Qualquer situação da vida que culmina em uma enunciação, terá dois participantes que nascem juntos, o falante e o ouvinte, e nesse ato está a característica de que a enunciação está sempre orientada para o outro. A presença – física ou pressuposta – desses *outros* na situação de interação verbal é chamada, na teoria do Círculo, de *auditório*.

Na vida social, cada situação vivida apresenta um auditório particular e, relacionado a esse auditório, um repertório de gêneros, que são sempre parte do *ambiente social* que promove os intercâmbios comunicativos que se dão nas diferentes esferas discursivas. Dessa maneira, os gêneros carregam o caráter axiológico que o estilo, o tema e a composição social do intercâmbio comunicativo deixam entrever. O gênero coincide com o ambiente social e todos os seus aspectos são determinados por ele (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 245-250).

Na observação dos gêneros do discurso, podemos perceber que a comunicação verbal, materialização discursiva em que os gêneros nascem e se concretizam, compõe-se da enunciação realizada pelo falante e a compreensão que acontece por parte do ouvinte. “Essa compreensão contém sempre os elementos da resposta”⁷ (p.249), porque o que acontece no processo de comunicação verbal é que estamos agindo em resposta a algo que já ouvimos, estamos tomando uma atitude responsiva frente a outras enunciações: concordamos, discordamos, isto é, agimos valorativamente sobre aquilo que ouvimos. Assim, a comunicação verbal está pautada no intercâmbio de enunciações que se dá na forma de diálogo, entendido em seu sentido amplo como uma tensa construção de sentidos (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 249).

É oportuno mencionar que a estrutura da linguagem por si, segundo a teoria do Círculo de Bakhtin, é dialógica porque todo discurso é constituído de outros discursos mais ou menos aparentes que formam os sentidos. Esse dialogismo, portanto, é uma propriedade da linguagem que permite a permanente relação entre os discursos, promovendo a multiplicidade de discursos ligados por ressonâncias de já-ditos, e

⁷ Tradução nossa para o trecho “Esta comprensión contiene siempre los elementos de la respuesta.”. Referência: BAJTÍN, M; VOLOSHINOV, V. ¿Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. *Bajtín y Vigotski: la organización de la enunciación*. Barcelona: Antropos, 1993.

vinculados, ao mesmo tempo, a projeções de discursos-resposta. Assim, toda a enunciação é repleta de vozes do outro, de valorações construídas nos mais diversos horizontes sociais.

O dialogismo está, pois, no direcionamento para o outro; na condição de ser uma resposta e ser motivador de outras atitudes responsivas. Sendo assim, cada enunciação está direcionada ao outro, à compreensão e resposta desse outro, o que demonstra o seu inacabamento enquanto elo na cadeia da comunicação discursiva. Dessa maneira, a diferença entre o discurso dito monológico e o dialógico está em sua forma externa, haja vista que, segundo Bajtín/Voloshinov ([1929-1930] 1993, p. 250), “sua essência, sua construção semântica e estilística são dialógicas”⁸.

Essa perspectiva leva em conta o caráter dialógico da linguagem interior. As interações verbais interiores são também dialógicas, pois são edificadas a partir da consideração de um auditório, existe um sistema de valores e pontos de vista que opera sobre um ouvinte potencial – que no caso do discurso interior é o próprio sujeito que assume o protagonismo de ambos os participantes: falante e ouvinte.

O conceito de diálogo faz menção à dinamicidade de toda a nossa cultura, às inter-relações com o outro, ao universo vivo e móvel de vozes que formam as ideologias de cada esfera discursiva. Nessa perspectiva, o sujeito será concebido como dialógico e a interação como tema filosófico vai perpassar o trabalho do Círculo. Um sujeito dialógico só pode ser definido na relação, na interação – consoante à denominação de sujeito dialógico proposta por Faraco (2009, p. 84-88).

O sujeito bakhtiniano é social, histórico e ideologicamente situado, constitui-se na relação com o outro. Por meio da enunciação, indivíduos socialmente integrados em determinado período histórico interagem com o mundo e na interação constroem sua subjetividade. Como mencionado em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p. 116), não é o interior que edifica o pensamento, é o exterior que se configura como centro organizador e formador do interior. Conforme Bakhtin/Volochinov ([1929] 2009, p.116), existe um meio social que nos engloba, um “certo *horizonte social* definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito”.

⁸ Tradução nossa para o trecho “Su esencia, su construcción semántica y estilística, son dialógicas.”. Referência: BAJTÍN, M; VOLOSHINOV, V. ¿Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. *Bajtín y Vigotski: la organización de la enunciación*. Barcelona: Antropos, 1993.

Dessa maneira, o sujeito vai-se constituindo a partir do mundo de vozes sociais em que está inserido. É a heteroglossia, essa heterogeneidade de discursos harmoniosos, discrepantes, concordantes, duvidosos, divergentes, que dá cenário para que o sujeito se constitua na coletividade. À medida que dialogamos com as múltiplas relações de interação socioideológicas, vamos formando nossa subjetividade. Claro que isso não acontece de forma harmoniosa; esse diálogo é sempre tenso (FARACO, 2009, p. 84-88).

Nessa visão, a consciência se forma por meio da interação *eu/outro*; eu e outros eus; entre grupos sociais; a partir das instâncias discursivas em que estamos inseridos. Essa comunicação discursiva acontece por meio de processos semióticos. Para o Círculo, a realidade não pode ser apreendida objetivamente porque tudo é atravessado pela ideologia.

Assim sendo, tudo tem um caráter axiológico: o signo, a palavra, o enunciado. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p.33), o pensador russo afirma que “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira”. Cada esfera discursiva possui uma função social e é sua fibra semiótica que coloca “os fenômenos sob a mesma definição geral”. Os signos se constituem nas esferas ideológicas que fazem parte do material social criado a partir das inter-relações humanas. O aparecimento dos signos não é uma condição natural; é necessário que os sujeitos estejam organizados em sociedade, que formem um grupo social, para que os signos ganhem vida e constituam fatos de linguagem (p. 35-73).

Uma noção de sujeito nem biológico nem empírico é requerida pelo Círculo, mas sim um sujeito ativo, situado sócio-historicamente, mas sem ser apenas produto do meio. Quanto à posição que esse sujeito bakhtiniano assume, Sobral (2008, p.22) afirma que:

A ênfase no aspecto ativo do sujeito e no caráter relacional de sua construção como sujeito, bem como na construção “negociada” do sentido, leva Bakhtin a recusar tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido como um sujeito assujeitado. A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação de identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido.

Assim, percebemos que a relação eu/outro é constitutiva da linguagem, ou seja, é no movimento contínuo da interação verbal que o eu se constitui a partir do outro e vice-versa. Dessa maneira, a consciência é social, o sujeito é esse ser em diálogo constante, mediado pelos signos que são sempre ideológicos e atrelados à realidade social. Devido à heterogeneidade de discursos, nossa consciência é formada por vozes entoadas socialmente. Nessa concepção, a singularidade, a eventicidade do ser humano, é plural à medida que somos constituídos de múltiplos discursos ao longo da vida. Também porque precisamos do outro para nos constituir e reconhecer.

A individualidade é concebida na base social, mas sem determinismos: ela não é submissão ou assujeitamento. Ela é interação. Conforme Sobral (2008, p. 24), o “Círculo destaca o sujeito não como um fantoche das relações sociais, mas como agente, um organizador de discursos, responsável por seus atos e responsivo ao outro”. Afinal, são os sujeitos que organizam historicamente os domínios discursivos e por consequência as ideologias. Assim, todas as manifestações superestruturais, a ideologia, e todas as esferas de produção imaterial, as ideologias, são resultado da (inter)ação entre os sujeitos.

Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p.59) expõe que “o indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico”. Nessa declaração percebemos a constituição interacional do sujeito, bem como a não possibilidade de concebê-lo como assujeitado.

A concepção de sujeito é indispensável à noção de sentido pensada pelo Círculo. Somente um sujeito que reside na alteridade poderia solicitar um sentido dialógico. Assim, a noção de sentido implica a noção de sujeito e as duas dão suporte à noção de gênero, pois é no discurso que o sujeito constrói sentidos no e sobre o mundo, sempre em relação dialógica com o outro, com outros discursos, com diferentes valores sociais.

Depois de todo o dito, é oportuno neste ponto ressaltar que, nos postulados do Círculo, são as reflexões acerca da enunciação que nos levam a uma ideia de sujeito que se respalda na “[...] enunciação, entendida como um processo em que o eu se constitui através do outro e como outro do outro, sendo pela inter-relação entre dialogismo e alteridade que se pode tentar cercar a questão da subjetividade em Bakhtin”, segundo opina Teixeira (2006, p. 229). Conforme apresentado, é na dinâmica da enunciação que está o sujeito. É, pois, a teoria da linguagem, elaborada no princípio do dialogismo que

nos leva à noção de sujeito. A noção de sujeito está entrelaçada à enunciação, ao dialogismo, à alteridade, a uma ideia de fluxo, de processo. Está atravessada por toda a interação advinda das relações sociais.

Longe de pretender uma definição fechada de sujeito – os princípios que regem a teoria bakhtiniana impedem isso –, o que objetivamos é apresentar que ter uma noção de sujeito, ou apreendê-la a partir do constructo teórico, é indispensável para que se compreenda o eixo norteador da teoria em questão: o dialogismo. Para Dahlet (2005, p.81), “o dialogismo bakhtiniano abala, sem dúvida, a concepção clássica de sujeito. O sujeito cartesiano circunscrito como uma identidade permanente”.

O autor afirma que o dialogismo bakhtiniano, esse princípio norteador que institui que “toda a interação verbal toma forma no meio das relações sociais”, foi o que levou à mudança de paradigma no que tange ao sujeito, como podemos perceber na citação. Dahlet observa, ainda, que o fundamento dialógico foi um ganho teórico pelas contribuições ao discurso, concebendo esse como uma construção “(in)acabada por vezes em concorrências e sentidos em conflito”.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p. 35), Bakhtin/Volochínov explica que a “consciência individual é um fato socioideológico”. E continua: “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso das relações sociais”. Por afirmações como essa, alcançamos o caráter interacional da teoria. Se a consciência individual advém do social (que é sempre ideológico), o sujeito é construído na interação. Dessa forma, tendo em vista a evidente preocupação acerca da relação eu/outro no pensamento do Círculo, podemos afirmar que a questão da alteridade é base nessa teoria. É a partir da relação com o outro que nos construímos e construímos discursos. Como a intersubjetividade é constituída a partir do todo social em que nos encontramos, é por meio da alteridade que o movimento dialógico acontece. Precisamos da relação eu-outro para que haja diálogo entre sujeitos e entre enunciados.

Em vista disso, Bajtín/Voloshinov ([1929-1930] 1993, p.54-55) afirma que a consciência torna-se vazia de um comportamento social e ideológico quando o indivíduo distancia-se da realidade social e, como consequência, perde seu sistema de valores. O social constitui a consciência; sem o caráter social o homem é apenas instinto animal – consoante às ideias do autor.

Assim, o eu se constitui a partir do outro e é condição para que o outro se constitua por meio da inter-relação dos valores ativos que um e outro carregam; o

mesmo se dá para os enunciados. Nas palavras de Ponzio (2011, p.193), a relação com o outro acontece por meio da resposta – por isso ela é requisito à dialogia; o outro me serve como condição ao diálogo tanto constitutivo do ser quanto da comunicação como processo de produção de sentidos e valores diversos. Quanto ao enunciado, ele faz parte da corrente discursiva constituída de diferentes vozes. O movimento é dialógico porque é resposta ao já-dito e condição para novas respostas, movendo o diálogo contínuo a partir da relação de alteridade entre os discursos.

Pensar sobre o discurso, sobre a enunciação, foi uma das questões que diferenciou o Círculo bakhtiniano das teorias vigentes nos estudos linguísticos de sua época. Para o grupo, “as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p.129) e para que se consiga estudá-las é necessário observar o discurso sob o tempo histórico da enunciação, porque o discurso é constituído da trama de várias enunciações que respondem a já-ditos ao mesmo tempo em que projetam outras enunciações.

A enunciação parte de interlocutores que compartilham uma situação comum e age valorativamente sobre essa situação em um movimento de interação social. Lembremos que toda dimensão comunicativa como processo interativo faz parte de um contexto histórico que contempla tanto o que antecede o enunciado, quanto a situação que ele projeta. Essa condição tem de ser enfatizada, pois a própria natureza da linguagem, no pensamento bakhtiniano, é concebida sob a perspectiva do momento histórico da enunciação; o conceito de enunciado acompanha essa visão.

A dinamicidade da linguagem pode ser observada a partir do enunciado porque ele nunca será somente reflexo do que expressa. Carregado pelo contexto em que surge – no sentido de estar impregnado de vozes –, o enunciado também refrata, cria sentidos baseado nas valorações que o motivam. Dessa maneira, o enunciado contém o dado, aqueles elementos compartilhados que os falantes da língua dispõem, mas também contém o evento, o novo que o ressignifica, dando origem a valorações que atualizam o enunciado e impulsionam outras enunciações.

Assim, o enunciado é entendido como unidade da comunicação discursiva porque “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes”. O discurso é constituído de enunciados que pertencem a sujeitos do discurso. Esses enunciados formam uma corrente comunicativa ininterrupta. Dessa forma, nossa língua materna é apreendida através das enunciações que ouvimos e reproduzimos nas diferentes esferas comunicativas em que interagimos ao longo da vida

social. Aprender a falar é aprender a compor enunciados (BAKHTIN [1979] 2011, p. 270-283).

As enunciações possuem conteúdo, construção composicional e estilo; mantém relação com o verbal e o extraverbal; contém a possibilidade de resposta; o endereçamento, que é uma orientação social para seu interlocutor, seu direcionamento; a inter-relação com outros enunciados; a alternância entre sujeitos; a posição valorativa que as perpassa. São essas características que compõem os sentidos que determinado enunciado propaga, e, por conseguinte, que todo o discurso possui.

O conceito de enunciado está relacionado ao conceito de palavra como uma totalidade significativa. Os aspectos da palavra encontram-se nas características do enunciado como uma totalidade enunciativa e como a unidade do discurso. Volochínov ([1926] 2010, p. 154-55) afirma que a palavra na vida não é autossuficiente, ela surge, pois, de uma situação extraverbal e com ela mantém vínculo. Assim sendo, a palavra não pode ser separada da vida, uma vez que é a vida que atribui todas as tonalidades que uma palavra pode conter, no sentido emotivo-volitivo que o autor destaca ao longo do texto *Palavra na vida e palavra na poesia*.

Nessa perspectiva, o autor russo apresenta que as valorações de uma palavra, independentemente do critério que as norteie – ético, político, cognitivo – envolve o aspecto verbal e a situação enunciativa extraverbal. Essas duas faces dão a totalidade da palavra, por isso, quando tomada isoladamente, como um fenômeno linguístico apenas, ela não pode ter juízo de valor porque está desassociada da vida que a completa e integra o seu sentido.

O contexto extraverbal que compõe a situação enunciativa apresenta três aspectos: 1) *horizonte espacial compartilhado*, o elemento espacial compartilhado pelos falantes; 2) *o conhecimento e a compreensão comum da situação*, isto é, o aspecto semântico, o tema, e, por fim, 3) *a valoração compartilhada*, os juízos atribuídos, o caráter axiológico. Esses três aspectos formam o subentendido que juntamente com o verbal constitui a totalidade enunciativa.

Assim, no que tange à enunciação, explica Volochínov, sempre temos participantes que igualmente conhecem, compreendem e avaliam a situação. Dessa maneira, “a enunciação se apóia em sua relação real e material a um mesmo fragmento da existência, atribuindo a esta comunidade material uma expressão ideológica e um desenvolvimento ideológico posterior” (p.157). Explicita ainda que o aspecto extraverbal não é a causa externa da enunciação, nem algum tipo de força externa que

sobre ela atua. A situação é parte necessária para a construção integral da composição semântica. Assim, o dito e o não dito compõem a enunciação.

Todo enunciado, independentemente de sua composição, estilo e conteúdo, tem um princípio e um fim absolutos. Isso significa dizer que antes do seu início existem outros enunciados e depois de seu término encontram-se os que surgem em resposta – isso pode acontecer sob a forma de uma compreensão ativa e responsiva silenciosa ou como uma ação de resposta imediata e presencial. No discurso, o falante termina seu enunciado para dar lugar à atitude responsiva do outro e esse ato marca a *alternância dos sujeitos do discurso*, característica que compõem o enunciado como uma unidade real da linguagem (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 275).

Cada enunciação, por mais curta que seja, no discurso cotidiano ou no romance extenso, está em diálogo com os discursos anteriores e posteriores a si, construindo um elo dialógico de comunicação discursiva. Nesse sentido, a enunciação como um todo apresenta a incompletude e o inacabamento característico de discursos em permanente desenvolvimento na linha do tempo, porém concomitante a essa característica os enunciados apresentam uma *conclusibilidade específica* ao expor a posição avaliativa do falante e dar a condição de resposta ao ouvinte. Como podemos ver é uma conclusibilidade em termos de sentido completo, compreensível, passível de resposta de um entendimento que motive uma atitude de compreensão e não uma conclusão em termos de finalização de algo que está centrado em si.

A conclusibilidade é uma peculiaridade interna do enunciado, referente ao aspecto da alternância dos sujeitos, por isso seu acabamento é em termos de sentido – o enunciado está concluído porque o locutor disse tudo o que desejava dizer sob uma determinada situação de interação social (p.280). Bakhtin destaca que o primeiro critério de conclusibilidade do enunciado é a capacidade de responder a ele, por esse motivo ele tem uma *inteireza* de sentido para poder orientar a atitude responsiva do outro.

O autor russo explica, ainda, que para o enunciado ser compreendido não basta tomá-lo apenas no nível da língua, há de ser observada a enunciação como um todo a fim de perceber em que seu sentido reside na interação orgânica entre o verbal e o não verbal. Além disso, a inteireza desse acabamento que permite a alternância dos sujeitos do discurso é determinada por três fatores “1) Exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 281).

A exauribilidade semântica é vária por depender do tema do enunciado, tendendo a ser mais diversificada em gêneros de composição livre e mais padronizada em gêneros de composição rígida. Esse esgotar semântico sobre o tema está ligado intimamente à vontade discursiva do falante, que constitui o seu projeto de dizer. Assim, o projeto discursivo seleciona o objeto (tema), projeta suas fronteiras que contam com o acabamento semântico a ele dado e encerram na conclusibilidade do enunciado que dá lugar à alternância dos sujeitos nas interações comunicativas.

Todos esses elementos serão coordenados pelas formas relativamente estáveis de enunciados, os gêneros do discurso. Dessa maneira, as escolhas do falante, seu projeto discursivo, as considerações acerca do tema, são determinadas pela situação concreta em que esse gênero será produzido, levando em conta uma dada esfera e um auditório determinado.

Com efeito, a linguagem, cuja essência é complexa, é construída através das relações sociais que acontecem por meio dos mais variados gêneros do discurso que emergem das distintas esferas de interação que se formam ao longo da história. Para Bajtín/Voloshinov ([1929-1930], 1993, p.228), “a linguagem é o produto da vida social, sua criação e representação”⁹. Nessa perspectiva, o autor afirma que

[...] sendo produto da vida social, refletindo-a não só no campo semântico, mas também no das formas gramaticais, a linguagem tem, ao mesmo tempo, uma enorme influência inversa sobre o desenvolvimento da vida econômica e sociopolítica. Com a ajuda da linguagem se criam e se formam os sistemas ideológicos, a ciência, a arte, a moral, o direito, e ao mesmo tempo a linguagem cria e forma a consciência de cada homem. Toda a vida interior do homem se cria com estreita dependência dos meios que lhe servem para expressá-la ([1929-1930], 1993, p.242-243)¹⁰.

Dessa maneira, a linguagem é que cria os fatos sociais. Como para a teoria bakhtiniana a realidade não pode ser apreendida objetivamente, posto que tudo é perpassado por pontos de vista, apreciações, valorações das mais distintas naturezas, o

⁹ Tradução nossa para o trecho “[...] el lenguaje [...] es el producto de la vida social, su creación y su representación [...]”. Referência: BAJTÍN, M; VOLOSHINOV, V. ¿Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. *Bajtín y Vigoski: la organización de la enunciación*. Barcelona: Antropos, 1993.

¹⁰ Tradução nossa para o trecho “[...] Siendo producto de la vida social, reflejándola no sólo en el campo de la semántica, sino también en el de las formas gramaticales, el lenguaje tiene al mismo tiempo una enorme influencia inversa sobre el desarrollo de la vida económica y sociopolítica. Con la ayuda del lenguaje se crean y se forman los sistemas ideológicos, la ciencia, el arte, la moral, el derecho, y al mismo tiempo el lenguaje crea y forma la consciencia de cada hombre. Toda la vida interior del hombre se crea en estrecha dependencia de los medios que le sirven para expresarla”.

discurso é necessariamente atravessado pelo discurso alheio. Assim, os enunciados são carregados de julgamentos de outrem e, nesse contexto, a palavra está imersa em um movimento de diálogo com o outro. Dessa forma, o discurso não se refere diretamente à realidade em si, mas está orientado para os discursos que o cercam e, assim sendo, constroem discursivamente os fatos sociais.

A palavra é entendida pelo Círculo como representante da interação eu/outro porque resulta do uso partilhado entre os sujeitos de uma determinada comunidade, situada sócio, histórica e culturalmente. A palavra é ideológica por excelência. Ela é “o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV [1929] 2009, p. 36). A beleza da palavra está em sua capacidade de ser neutra enquanto forma. Dessa maneira, e somente nesse sentido, a palavra é entendida como neutra por seu potencial de assumir diferentes papéis, diferentes ideologias, conforme cada campo em que é empregada (p.37). E por esse motivo ela pode preencher-se de diferentes avaliações, reverberando múltiplas construções de sentido.

A palavra também ganha importância na teoria bakhtiniana por ser o *material semiótico da consciência*, do discurso interior. Ela possibilita a interiorização de tudo o que nos cerca. Por ser a palavra vista sempre como um signo social que constitui a consciência é que ela atua como elemento essencial que acompanha a criação ideológica, seja ela qual for (p. 38). A palavra possui *ubiquidade social*, ou seja, possui a capacidade de estar presente em todos os momentos da vida social. Assim sendo, ela penetra todos os tipos de relações sociais. Ela funciona como um indicador das mudanças sociais. Como nascem da interação, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p.42), por isso podem estar encharcadas de diferentes valorações a depender do contexto em que aparecem.

Como podemos perceber, a palavra é o signo ideológico por excelência porque ela é carregada de valor que é sempre ideológico e advém da sociedade, das relações interindividuais. Sendo assim, faz-se necessário compreender o que o Círculo entende por índice de valor.

Em *Marxismo e Filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p.46), Bakhtin/Volochínov explica que em cada período da história da sociedade existem grupos afins que desenvolvem *um valor particular*. Esses grupos dão origem a toda espécie de material semiótico que, a partir do uso social histórico e economicamente situado, vai formar a ideologia. Nessa perspectiva, está a máxima: “não pode entrar no

domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social”. É o *horizonte social* que permite a existência do signo ideológico.

É nesse contexto que se forma o *índice de valor* – oriundo das relações interpessoais, haja vista que o outro sempre vai constituir esse processo. Em suma, grupos usam determinadas formas que ganham um valor particular, este valor adentra o horizonte social e atualiza-se como um signo ideológico. Assim, então, está fixado um índice de valor. A partir do dado, o signo compartilhado socialmente, e do novo, o que o sujeito coloca de sua subjetividade, é que se tem o índice de valor. É o evento, a partir do arranjo que o indivíduo faz, combinando-se ao elemento reiterável que constrói a valoração.

Conforme o mencionado, objetos das mais variadas esferas da realidade podem entrar no *horizonte social* de um determinado grupo a partir do momento em que forem compartilhados entre indivíduos que se encontrem sócio-historicamente situados. Só nesse contexto pode-se originar um signo ideológico, só nessas condições é que há índice de valor. Importante é ressaltar que o signo ideológico origina-se a partir do meio social porque é o embate de vozes que o constitui. No cerne do signo, índices de valor distintos estão em conflito. Isso o torna plurivalente; dinâmico, capaz de (re)significar (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2009, p.47).

Na tensa relação dialógica entre elementos verbais e visuais, os signos ideológicos são atualizados na enunciação, através dos enunciados que são a materialização das interações verbais e não verbais entre sujeitos. Há enunciação se houver interação entre sujeitos culturalmente situados que se manifestam dialogicamente através de um projeto enunciativo. São, pois, as vozes advindas dos usos em diferentes esferas de comunicação que vão dar a valência dos signos. O signo é atravessado por apreciações que dão o seu teor axiológico.

Assim, o teor ideológico dos signos, nascido no momento em que se origina a enunciação, é dado devido ao que Bajtín/Voloshinov ([1929-1930] 1993, p.56) chama de *a orientação social da enunciação*. A partir do momento em que compreendemos que o discurso é dialógico por estar direcionado ao outro, à sua compreensão e à sua resposta (efetiva ou potencial), temos de pensar que estamos sempre levando em conta, no momento de edificar nossos discursos, o ambiente social a que esse outro se insere, desde esse julgamento é que construímos nosso parceiro ativo da comunicação discursiva, e com base nessa construção, elaboramos nossa fala, e regulamos, até mesmo, nossos gestos, nosso comportamento.

O autor explica que essa orientação social está em qualquer enunciação, haja vista que a orientação social é a força organizadora, que, junto com a situação de enunciação, constituem as formas composicionais e estilísticas. Sendo assim, o auditório (presente ou pressuposto) é projetado na orientação social. De acordo com o autor:

[...] a forma da enunciação – por exemplo, “Quero comer” – muda de sentido de acordo com a posição social do falante e do ouvinte, e de acordo com toda a situação social na que tal enunciação se realiza. Nós concordamos em chamar *orientação social* da enunciação a esta dependência da enunciação do peso sócio-hierárquico do auditório – isto é, da classe, situação econômica, profissão a que pertencem os interlocutores [...]. (tradução nossa; grifos do autor)¹¹

A enunciação, pois, será constituída da orientação social e de um conteúdo, de um sentido. Para que esse possa ser apreendido, o interlocutor tem de conhecer a situação em que a enunciação foi edificada porque cada condição resulta em uma enunciação; situações distintas culminam em enunciações distintas com sentidos particulares. Isso nos indica que as palavras da língua podem ter diferentes significados a partir do *sentido geral* da enunciação. Esse sentido geral depende tanto da situação imediata que gera a enunciação, como das condições de interação remotas de intercursos comunicativos dados.

Dessa maneira, a enunciação é formada por uma parte verbal e uma extraverbal que, juntas, irão compor seu sentido. A situação extraverbal dá para o enunciado o onde e o quando, o objeto e a atitude dos interlocutores (o espaço/tempo, tema e valoração), atualizando o aspecto linguístico que carrega em sua formação. Bajtín/Voloshinov ([1929-1930] 1993, p.260) explica que a enunciação não reflete passivamente a situação, ela “representa sua solução, torna-se sua conclusão valorativa e, ao mesmo tempo, a condição necessária para alterar seu ulterior desenvolvimento ideológico”¹².

Nesse movimento de construção do sentido, além da situação, a forma da enunciação importa. A escolha e a disposição das palavras no interior da enunciação são a forma que realiza os sentidos. Para além dessas questões, o autor acrescenta como

¹¹ “[...] la forma de la enunciación – por ejemplo “quiere comer” – cambia según la posición social del hablante y del oyente, y según toda la situación social en la que tal enunciación se realiza. Hemos convenido llamar *orientación social* de la enunciación esta *dependencia de la enunciación del peso sociojerárquico del auditorio* – esto es, de la pertinencia de clase de los interlocutores, de su condición económica, profesión [...].”

¹² “[...] la enunciación no refleja sólo pasivamente la situación. Ella representa su solución, se vuelve su conclusión valorativa y, al mismo tiempo, la condición necesaria para su ulterior desarrollo ideológico”.

fundamental uma terceira noção a de *entonação*. Determinada pela situação e pelo auditório, a entonação é que orienta a escolha das palavras e sua disposição no enunciado, a fim de promover o sentido geral de determinada enunciação. Isso porque a entonação é a expressão de valoração da situação e do auditório – a construção estilística, isto é, as palavras, serão carregadas de acordo com a entonação, que depende sempre da orientação social, do auditório e do tema (BAJTÍN/VOLOSHINOV [1929-1930] 1993, p.264-268).

Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p. 137-138) explica que uma maneira de atentarmos para o valor das formas na língua viva é a *entonação expressiva*. Nascida da situação enunciativa, a entonação expressiva pode carregar os signos ideológicos com as mais variadas tonalidades, podendo imprimir tom jocoso, alegre, depreciativo, irônico a aquilo que desejamos expressar. Assim, o sentido da enunciação realiza-se por meio da entonação, que, por sua vez, apoia-se no valor apreciativo do falante frente a situação enunciativa: o ouvinte, o objeto (tema) e a orientação social que o falante tem desses.

Em *A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica* ([1926] 2010, p. 159), Volochínov ressalta que existem certas valorações fixadas na sociedade, em determinados grupos sociais, que não necessitam ser verbalizadas porque já são conhecidas no meio social. Ademais, essas valorações compartilhadas organizam atos e comportamentos, dando a impressão de que estão fixadas aos fenômenos que lhes são correspondentes.

A entonação está no limite entre o verbal e o subentendido por estar apoiada nas valorações compartilhadas, o que significa que sua existência está condicionada a um *coral de apoio* (p.161) que sustente essa apreciação, uma vez que ela não pode ser individual, tem de estar ancorada em atos sociais. Caso a entonação de uma enunciação não seja afirmada por um coral de apoio, pode acontecer que seu sentido seja perdido por motivo de o ouvinte imprimir outras *tonalidades* que não àquelas em que a entonação foi projetada. No planejamento da enunciação do falante, está a projeção de um suposto coral de apoio, a fim de que não haja ruptura no sentido do enunciado (ou a fim de que essa ruptura aconteça de propósito, no caso das piadas, por exemplo).

Nessa noção, entram valores socialmente fixados que são invocados no momento da enunciação, por meio de um gesto, de expressões faciais, por exemplo. O gesto, tal qual a entonação, carece estar em harmonia com o coral de apoio para mostrar-se eficiente no todo da enunciação. Volochínov explica que “entoando e gesticulando, o homem ocupa uma posição ativa com respeito aos valores determinados,

determinada pelas mesmas condições de sua existência social” (p. 163). Os gestos e as entonações estão orientados para o ouvinte e também para o objeto, para com esses construir os sentidos em circulação. Assim, tanto a linguagem verbal como a não verbal engendram-se para, conjuntamente, formar os sentidos.

1.2 OS GÊNEROS DO DISCURSO

Bakhtin/Volochínov, em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p. 43-44), apresenta que “a psicologia do corpo social se manifesta essencialmente [...] sob a forma de diferentes modos de discurso”. E mais adiante no texto afirma que “estas formas de interação verbal acham-se muito mais estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social”. Essas reflexões estão desenhando o que será posteriormente a teoria dos gêneros do discurso.

Há menção em outros textos, todavia, é no ensaio *Gêneros do discurso*, em *Estética da criação verbal*, de modo mais sistemático, que Bakhtin desenvolve a noção de gêneros discursivos. De acordo com o autor ([1979] 2011, p. 262), gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciado” que apresentam conteúdo temático, estilo e composição própria, edificados com vistas a um auditório, uma orientação social e uma valoração particulares da enunciação em que se inserem. Conforme as esferas discursivas crescem e se complexificam, também os gêneros acompanham esse movimento. Dessa forma, sem colocar em dúvida a unidade nacional de uma língua, os gêneros são heterogêneos porque a atividade humana assim o é.

Na linguagem, existem gêneros primários, ditos simples, que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata, possuem vínculo com a realidade concreta e com os enunciados alheios, e também existem os gêneros secundários, que surgem nas condições de um convívio mais complexo, relativamente desenvolvido e organizado. Em sua constituição, os gêneros secundários reelaboram e incorporam os primários. Ambas as estruturas de gêneros mantêm uma relação mútua, apesar de serem diferentes, mas não se trata de uma diferença de função (p.263-264).

O que distingue os gêneros primários dos secundários são as condições de sua produção. Os gêneros simples advêm das interações imediatas do convívio social, são eles a carta, o bilhete, as conversas familiares. Já os complexos, como o romance, a pesquisa, peças publicitárias, surgem a partir de gêneros primários, mas deles se diferem

porque perdem seu vínculo com a vida concreta para ter seu sentido na totalidade do gênero como fenômeno artístico, por exemplo, considerado no conjunto do próprio gênero. A título de ilustração e remetendo ao objeto de estudo deste trabalho, a charge pode ser considerada um enunciado que, devido a sua complexidade, instaura-se como gênero secundário, uma vez que reelabora situações cotidianas, reavaliando-as, deslocando-as de sua situação enunciativa imediata na vida concreta para constituir-se no âmbito de seu gênero.

A natureza do enunciado é heterogênea, por isso há diversidade de gêneros do discurso. O importante para seu estudo é que compreendamos, do ponto de vista discursivo, o que faz do enunciado a unidade da comunicação discursiva e, nessa perspectiva, quais são as características que constituem os gêneros do discurso. Vejamos cada um dos componentes do gênero, a saber, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

O estilo está ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados (gêneros do discurso). Assim, temos um aspecto duplo, pois há o estilo individual e o estilo, relativamente estável, do gênero discursivo. O que acontece é que há gêneros mais ou menos propícios para o estilo individual, uma vez que esse é um epifenômeno do gênero, nas palavras de Bakhtin ([1979] 2009, p.265-266).

O estilo individual dá a dinamicidade do gênero porque é o arranjo do falante que possibilita ao gênero do discurso a sua singularização por meio do estilo que apresenta: em sua organização, na escolha das palavras, em tudo está a atitude valorativa de um locutor em relação ao tema, à projeção do interlocutor, à orientação social.

No entanto, existem gêneros de composição mais livre, como é o caso dos literários, e outros mais rígidos como as ordens militares, as cartas formais, os memorandos, os manuais de instrução, por exemplo. Acontece que, mesmo os mais rígidos, refletem a individualidade dentro dos limites do estilo do gênero.

Em cada esfera da comunicação discursiva existem e são empregados gêneros que correspondem às suas condições específicas; são a esses gêneros que correspondem determinados estilos (do gênero) que estão ligados ao campo de atividade; a uma determinada função (científica, política, publicitária) e a determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada esfera. O estilo, de modo geral, é inseparável de certas unidades temáticas e de certas unidades composicionais, acarretando em particulares tipos de acabamento, de acordo com a orientação social dos

parceiros da comunicação discursiva, de suas relações interpessoais, da orientação para o outro, da situação em que se edifica, do tom que carrega.

Os gêneros têm estilo, tema e estrutura que os caracteriza, ainda que sejam variáveis. Em cada período da existência humana surgem gêneros, haja vista que surgem domínios discursivos, assim como novas formas de se comunicar socialmente. Dessa maneira, novos gêneros aparecem em função das diferentes atividades humanas que se complexificam nas variadas esferas de comunicação. Para Bakhtin ([1979] 2011, p. 287), “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolavelmente ligadas às mudanças de gêneros do discurso”. Essas formas discursivas aparecem e desaparecem porque “são correias da transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (p. 268), elas refletem e refratam a vida.

Isso acontece porque os estilos estão vinculados a determinados campos da atividade humana que produzem certos gêneros com estilo mais ou menos definido. A comunidade médica, por exemplo, possui os tipos relativamente estáveis de enunciados desse grupo e, nesse sentido, os gêneros que ali emergem carregam o estilo, o conteúdo temático e a estrutura composicional dos enunciados característicos daquele grupo.

Depois de termos explicado acerca do estilo, pensemos sobre a formação composicional e o tema. No que tange à forma composicional, pensemos nas formas de organização dos gêneros. Isso implica refletir também sobre o estilo, haja vista que a forma composicional é a forma de dizer que é indissociável da estilística. Para Sobral (2010, p. 68), o Círculo tinha como pressuposto que o discurso contém conteúdo (atos humanos), forma (modo de organizar o discurso) e material (no caso dos discursos verbais é a língua). Todos esses elementos são articulados pelo autor (agente de enunciações, agente de atos humanos, sujeito do discurso).

Sobral observa, ainda, que quando se fala em forma, o Círculo está se referindo a duas noções: forma composicional, que é a materialidade do discurso, e forma arquitetônica, que diz respeito à organização discursiva do conteúdo expresso pela matéria verbal, com base nas relações entre falante, objeto (tema) e ouvinte. Nas palavras de Sobral:

[...] a atividade do autor incide primordialmente sobre a forma arquitetônica, que é a organização do discurso, a partir da forma composicional, em termos de uma dada avaliação do discurso pelo autor e de sua recepção ativa por um ouvinte. A forma composicional se vincula com as formas da língua e com as estruturas textuais; a forma arquitetônica se vincula com o projeto enunciativo do autor,

com o tipo de relação com o interlocutor que ele propõe. Por isso, a forma arquitetônica determina a forma da composição, mas esta nunca pode determinar a forma arquitetônica. Contudo, não há forma arquitetônica sem forma composicional, porque a organização arquitetônica precisa de um material no qual moldar o conteúdo. A forma arquitetônica, portanto, pode se realizar composicionalmente de várias maneiras (SOBRAL, 2010, p. 69).

Nos discursos da vida concreta, portanto, a forma composicional cria determinado discurso e a forma arquitetônica, uma determinada maneira de locução entre os parceiros da comunicação discursiva e o objeto (tema).

O tema, como vimos, está em harmonia com o estilo, a forma composicional e a forma arquitetônica, afinal, certos objetos do discurso requerem uma forma composicional e um estilo determinados. Em outras palavras, cada tipo de *intercâmbio comunicativo* resulta em específica organização dos elementos linguísticos e da estilística com vistas ao auditório a que se propõe e a depender das relações que mantém o sujeito do discurso com o tema, bem como com o auditório projetado e os tantos discursos que atravessam o seu dizer; sua avaliação frente ao objeto parte dessas relações.

O tema configura-se como elemento do fenômeno dialógico que é o discurso: em relação estão locutor, tema e interlocutor. Todas as avaliações que se dão no discurso partem da consideração dessa tríade, que está em relação dialógica, porque um compõe-se em função do outro. A alteridade é a base dessa relação.

O conceito de tema, na teoria bakhtiniana, além da compreensão de elemento constitutivo do gênero do discurso, aparece como sendo o sentido único, irrepetível da enunciação. Nessa perspectiva, tema está em relação com significação, elemento reiterável de todo discurso. As duas noções não são excludentes, mas carregam suas especificidades.

Cada enunciação como um todo expressa sentido, isto é, um tema particular que só pode ser alcançado na situação da enunciação – e na relação concomitante com os traços reiteráveis. Isso implica dizer que o tema estabelece-se a partir de uma específica situação discursiva concreta que o motivou. Nessa construção, elementos verbais e não verbais têm importância, uma vez que a enunciação necessita dos elementos da língua, aqueles reiteráveis, que fazem parte da significação (potencialidade linguística de significar), bem como do que mais compuser a situação de interação, como é o caso da avaliação valorativa.

A noção de valoração está em relação com a afirmativa de que o discurso não é neutro e as palavras, os signos ideológicos, são carregados por valores sociais, constituindo-se axiologicamente meio ao horizonte social de um grupo organizado no curso do espaço e do tempo. Acento de valor ou apreciativo diz-se dos juízos de valor, dos julgamentos que todo o signo ideológico concentra em sua constituição. É, pois, na vida concreta, nas enunciações alheias, no tensionamento das vozes sociais que se nutre o valor de qualquer signo para adentrar ao horizonte social dos sujeitos.

Bakhtin explica que toda a atividade humana está ligada ao uso da linguagem. Sendo assim, todo o emprego desses usos dá-se por meio de enunciados – orais e escritos, concretos e únicos – produzidos pelos integrantes de determinado campo da atividade humana: há uma relação orgânica entre linguagem e atividade humana. Nessa perspectiva, o pensador russo justifica o estudo dos gêneros discursivos apontando que:

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo o trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda a espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação – anais, tratados, textos de leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicitários, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam. Achamos que em qualquer corrente especial de estudos faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos gêneros do discurso (BAKHTIN [1979] 2011, p.264-265).

Assim, em cada período e em cada comunidade social, há um conjunto de formas de discurso na comunicação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV ([1929] 2009, p. 44). Como podemos perceber, a noção de gêneros está localizada no cerne da teoria bakhtiniana no sentido de que o enunciado é social, nasce e se desenvolve no discurso, a partir das relações socioideológicas que se dão entre sujeitos. Dessa maneira, tudo o que se refere ao enunciado, à enunciação, diz respeito aos gêneros do discurso.

A investigação dos fenômenos linguísticos, na perspectiva do Círculo, está em conformidade com a historicidade dos fatos quando observada a partir de suas relações com a língua, sob um viés sociológico que permite analisá-la a partir dos enunciados

concretos que a realizam. Tudo porque é por meio de enunciados concretos que a vida entra na língua e que se edificam as relações discursivas entre sujeitos socialmente organizados.

Os gêneros, pois, fazem parte do sistema cultural, “nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 282). Nessa perspectiva, eles são mais que forma, são construções comunicativas com as quais o sujeito interage desde sempre. São composições dinâmicas vinculadas às atividades sociais em que o sujeito está inserido. Os gêneros do discurso são um padrão sociodiscursivo com funções específicas de comunicação dentro de determinada esfera, ou seja, no âmbito de um campo discursivo que está ligado às práticas sociais que nele se desenvolvem. Desde que aprendemos a falar, vamos dominando e nos apropriando das enunciações organizadas em gêneros. À semelhança da maneira como vamos apreendendo nossa língua materna, os gêneros também vão sendo incorporados aos nossos usos discursivos.

A ideia de sujeito e de gênero está em relação porque o homem coloca-se no mundo e forma o seu interior a partir de discursos que são sempre organizados em gêneros. Assim, se o gênero está ligado à história e aos estilos de linguagem e os sujeitos inserem-se nesse meio como produtores e usuários de gêneros, os gêneros são criados na coletividade. Os gêneros advêm das atividades humanas, ao mesmo tempo o sujeito tem de acomodar seu discurso nos limites do gênero. A relação é complexa. Bakhtin explica que

A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero [...]. Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros orais (e escritos). Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente sua existência. [...]. Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos nosso discurso por determinadas formas de gêneros, às vezes padronizada e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 282).

A partir da noção de gênero, então, compreendemos que o “enunciado é pleno de totalidades dialógicas” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 298), ou seja, que nosso discurso está repleto de outros discursos oriundos de processos de interação a que fomos

submetidos – pensemos na cultura que nos acolhe. Os processos de interação requerem uma *atitude responsiva*, o que tem a ver com *dialogismo*: é esperado que o interlocutor responda ao que está sendo proposto na interação discursiva. Uma atitude de compreensão ativa e responsiva é esperada do sujeito de modo que, no momento da interação – de maneira presente ou presumida, isto é, no diálogo ao vivo ou naquele que acontece entre o texto e o leitor ou, ainda, baseados no discurso alheio anterior ou projetado, por exemplo – aconteça o movimento dialógico e tenso de concordar, discordar, lamentar, questionar. Compreender uma enunciação demanda estar orientado em relação a ela no sentido de descobrir sua atuação no contexto em que figura e, assim, atribuir-lhe uma contrapalavra (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV ([1929] 2009, p. 137).

Na teoria bakhtiniana, um traço essencial do enunciado é o seu *direcionamento a alguém, o seu endereçamento* (BAKHTIN [1979] 2011, p. 301). Essas noções necessitam estar claras no momento que se discute sobre gêneros discursivos. É o caso, por exemplo, de abordar, no momento das produções textuais, requisitadas no ambiente escolar, que todo discurso terá um destinatário e, em função disso, um gênero que baliza essa atividade.

De modo geral, é importante compreender, no que tange aos gêneros, que a escolha de um destinatário influencia a composição e o estilo do enunciado. Nesse trabalho, faz-se oportuno salientar as variedades linguísticas que temos dentro da língua portuguesa. Ao se visualizar certo destinatário, os registros em que se escreve/fala também são importantes. Não caberia um texto formal, redigido em norma padrão, quando se está trabalhando com o gênero bilhete e o destinatário é um familiar com quem o autor mantém uma relação próxima, por exemplo.

Todas essas escolhas que irão compor o gênero emergem das decisões do falante ou a decisão do falante é definida pelo gênero. Expliquemos. Como o homem e suas relações de comunicação dão origem aos gêneros discursivos, as formas de enunciar são em gêneros relativamente estáveis. Então o discurso do falante, seu projeto enunciativo, realiza-se na escolha de um gênero discursivo.

A intenção do falante passa pela escolha do gênero que se adapta à situação discursiva do contexto real de uso da língua, desenhando o gênero, dentro dos limites de sua construção composicional, a partir da definição de elementos que completam sua construção como: a quem se destina o gênero, quais seus propósitos comunicativos, qual o estilo requerido pela situação, quais outros discursos estão em diálogo.

Na seção que segue, desenvolveremos aspectos relativos especificamente ao gênero charge jornalística.

1.2.1 O gênero charge jornalística

A ilustração, de modo geral, há muito acompanha a imprensa. Antes da fotografia, o desenho era a única forma de acrescentar material visual a um texto, por exemplo. Segundo Rabaça e Barbosa (2001), a caricatura como gênero é o conceito amplo para definir uma forma de arte, que tem como finalidade o humor, manifestado através do desenho, pintura, escultura. Assim, na caricatura enquanto linguagem gráfica, encontramos a charge, o cartum, o desenho de humor e a caricatura, em sentido restrito, que se refere a obras que representam a fisionomia humana com características grotescas ou humorísticas. Em suma, a caricatura pode ser compreendida como tendo duas acepções: a) tipo de traço que pode ser usado em charges, tirinhas, cartuns e quadrinhos, e b) representação exagerada de pessoas ou situações.

É importante centrar por um momento na distinção de cada uma das formas de manifestação caricatural mencionadas. Essas informações são baseadas nas acepções apresentadas no *Dicionário de comunicação*, de Rabaça e Barbosa (2001). Vamos nos deter brevemente nesses conceitos, para manter o foco do trabalho que é a charge.

O cartum, de acordo com esses autores, é uma crítica humorística dos comportamentos humanos. De caráter atemporal, o cartum é universal, não está ligado a nenhuma situação específica, a uma época ou a uma personalidade. Já o desenho de humor mantém a natureza humorística através do traço do desenhista. A caricatura, em sentido particular, por sua vez, é a exacerbação de características de determinada pessoa; é um retrato caricatural. Cada uma dessas formas de arte tem um propósito enunciativo, um autor que as assina e um interlocutor a quem se refere.

A charge é uma subdivisão da caricatura enquanto gênero artístico, enquanto linguagem gráfica que se constitui como potencialidade de caracterizar, sublinhar a fisionomia, registrar gestos e comportamentos. Assim, na definição apresentada, a caricatura vê-se ampliada da visão de sua origem como traço, retrato ridículo, satírico, exagerado e diferente surgido na Itália na era do Renascimento. Para Miani (2012, p.40), [...] a charge pode conter a caricatura (melhor dizendo, retrato caricato) como um de seus traços [...] e tomar para si todas as nuances e os efeitos de sentido que esse traço condensou ao longo do tempo.

Em seu livro intitulado *História da caricatura no Brasil*, Lima (1963, p. 07) apresenta, a partir das vozes de diferentes autores, que a caricatura nem sempre é dotada de um caráter cômico, argumentando que seus antecedentes estão nas “[...] fantasias imaginativas dos antigos *grotesche*, nos líricos conceitos de monstros romanescos e nas deformações científicas de Leonardo da Vinci [...]”. O autor explica que, a partir do século XVII, o termo caricatura foi adquirindo proximidade com os tons de brincadeira e sátira, por meio da publicação de trabalhos de caricaturistas da época. No século XVIII, foi observado que o conceito de caricatura aproximava-se cada vez mais do cômico, mas deixava, sobretudo, claro sua função caracterizadora, compondo-se como um meio para chegar a fins políticos e morais, mas também com um fim em si mesmo, como obra artística com potencial para caracterizar, de modo a, metafórica e metonimicamente denunciar, opinar, expressar valores diversos.

Assim, a linguagem gráfica caricatural carrega traços da caricatura surgida na França devido às polêmicas do reinado de Luís XVI e de Maria Antonieta (p. 05). Lima pontua, ainda, que esse teor de sátira elevou a caricatura ao estatuto de arma da imprensa e, segundo ele, por seu caráter universal, no sentido de ser de fácil acesso, a “caricatura não fez mais do que acrescer sua alta significação como arte autêntica, não só na análise de costumes políticos e sociais, como na fixação de elementos subsidiários da História e da Sociologia”.

Nessa perspectiva, o autor (1963, p. 06) diz que a caricatura é divulgadora de acontecimentos contemporâneos, de modo que a própria História se obriga, muitas vezes, a “[...] recorrer a uma expressão do grotesco intencional numa *charge* do passado, para a exata compreensão dos homens e das coisas do seu tempo, dando-se-lhe, assim, o mesmo aprêço que a um palimpsesto [...]”. Também ressalta, por meio de muitos exemplos de charges e caricaturas veiculadas em diferentes países, a capacidade desse gênero de dialogar com discursos passados e projetar discursos futuros, como foi o caso das charges de David Low que denunciavam o perigo que representava a ascensão de Hitler ao poder (p.14). Para argumentar sua posição, o autor apresenta uma citação que convida a pensar dizendo: a missão do cartunista “é alguma coisa de mais alto e decisivo do que refletir aspectos ridículos ou obter assombrosas semelhanças fisionômicas com a maior graça e simplificação possíveis” (*apud* p.14).

A charge pode contemplar uma série de recursos gráficos para construir o seu projeto enunciativo de crítica, a caricatura é apenas um deles. Dessa maneira, a história da caricatura e da charge aparece aproximada ou, até mesmo, confundida pela difícil

distinção entre caricatura como gênero (que inclui a charge e outras perspectivas de desenho) e a caricatura em sentido restrito (retrato individual com fim em si). Outra questão que contribui para a mescla dos termos é que muitos autores os utilizam como equivalentes, enquanto outros acreditam que a charge está contida como um subgênero do gênero maior, que seria a caricatura. Ficamos com essa última percepção.

Geralmente veiculada em jornais, a charge também pode ser publicada em revistas ou sites; em alguns jornais ela toma a posição de um editorial devido a seu caráter expressivo, pois seu tema pode exprimir a opinião da empresa a qual está vinculada, sem a necessidade de efeito de objetividade ou imparcialidade.

Fonseca, em seu livro *Caricatura: a imagem gráfica do humor*, traça um percurso histórico para mostrar que, ao longo do tempo, a caricatura sempre esteve presente na sociedade, desde a pré-história. No Brasil, surgiu como um gênero relativamente estável por meio de protesto contra as autoridades da época, a corte portuguesa (FONSECA, 1999, p.56). Foi no século XIX, porém, que a charge difundiu-se por meio de opositores e críticos políticos que viram nela uma forma original de expressão. Depois disso, a representação gráfica tornou-se popular e se difundiu ao longo dos tempos, delineando um projeto de discurso que tem a crítica como efeito de sentido instaurado.

Quanto a sua estrutura, a charge é uma ilustração geralmente apresentada em um único quadro. Pode-se constituir de elementos verbais e não verbais ou se constituir como um texto verbo-visual que combina as duas linguagens. Os tópicos a que faz referência podem ser variados, política, esportes, celebridades, acontecimentos naturais como catástrofes etc. O mais importante é que ela está sempre em diálogo com assuntos que lhe são contemporâneos.

Definida por muitos dicionários como representação pictórica, de caráter humorístico, burlesco, sarcástico, a charge aparece, geralmente, em jornais e pode ser entendida como um gênero de opinião. No âmbito jornalístico, segundo Melo (1975), temos o jornalismo informativo, que dá conta de noticiar os acontecimentos e há também o jornalismo opinativo, que contempla a reflexão sobre os acontecimentos noticiados. No primeiro, segundo o autor, estariam os gêneros reportagem, nota, notícia

e entrevista. No segundo, resenha, coluna, editorial, comentário, artigo, caricatura, carta, crônica.¹³

Nas palavras de Rabaça e Barbosa (2001), o objetivo da charge é a crítica humorística imediata de fatos ou acontecimentos específicos. Como um gênero de opinião, a charge é produzida na relação com discursos já-ditos no cotidiano. Sempre em relação com outros discursos é que se edifica o sentido desse gênero. Sendo assim, se não conhecemos os assuntos que a charge suscita, não compreenderemos o projeto enunciativo do autor. Além disso, corremos o risco de ter diferentes interpretações daquelas que os elementos da charge nos direcionam.

De modo a contribuir com a reflexão que faremos em nossas análises, é importante apresentar a acepção da palavra charge registrada em dicionários, afinal, a descrição que o dicionário faz é, muitas vezes, aquela que faz parte do senso-comum. Os dicionários on-line Aulete¹⁴, Priberam¹⁵ e impresso Houaiss (2001, p. 693) apresentam respectivamente, para o termo charge, as seguintes definições:

Desenho caricatural com ou sem legenda, publicado em jornal, revista ou afim, que se refere diretamente a um fato atual ou a uma personalidade pública (geralmente ligada à política) e os satiriza ou critica ironicamente [Cf. *cartum*] [*F.: do francês charger* ‘ação vigorosa contra alguém, carga, ataque’, de *charger* ‘carregar’ e este do latim vulgar *carricare*, de *carrus* ‘carro, carroça’].

Francês charge, carga. Ilustração ou caricatura de caráter humorístico.

Desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, geralmente veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas; caricatura, *cartum*. Etimologia francesa *charge* (sXII) p.ext., ‘o que exagera o caráter de alguém ou de algo para torna-lo ridículo, representação exagerada e burlesca, caricatura’, regr. de *charger* ‘carregar’.

Nessas apresentações, percebemos a inclinação crítica desse tipo de texto, bem como sua ligação com os discursos que circulam na sociedade em que estamos inseridos. Nas palavras de Romualdo (2000, p. 21-22), a charge é “um texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por

¹³ Essa, a nosso ver, é uma classificação com fins teóricos, pois sabemos que nos gêneros estão imbricados efeitos de sentido que se pretendem informativos ou opinativos, mas, por meio da observação dos usos da linguagem, podemos observar que esses efeitos mesclam-se e a organização do discurso como um todo já nega a possibilidade de neutralidade, impedindo uma categorização estanque.

¹⁴ Disponível em <http://aulete.uol.com.br/charge>. Acesso em jan.2014.

¹⁵ Disponível em <http://www.priberam.pt/DLPO/charge>. Acesso em jan. 2014.

focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal”. Para o autor, a caricatura como traço está imbricada na charge porque muitas vezes o autor usa como recurso de produção de sentido o elemento caricatural.

Diante dessas definições, apresentamos alguns questionamentos: será que sempre a charge pode ser entendida como uma proposta humorística? Será que o humor é sempre um traço característico da charge? Será que as definições de charge como desenho humorístico não direcionam o entendimento do gênero charge já delimitando seu sentido? Será que a palavra humor presente em sua definição não desvirtua a crítica que se estabelece no projeto enunciativo da charge? Essas reflexões serão importantes no momento em que estivermos analisando as charges escolhidas, mais especificamente no terceiro capítulo, intitulado *Vozes em confronto na produção e recepção de charges: sentidos polêmicos em circulação*.

Ancorados nos pressupostos da teoria enunciativa dialógica, podemos dizer que uma das ideias centrais que se coloca neste trabalho é a de que a charge é um discurso que veicula sentidos, ideologias, assim como qualquer outro discurso, embora ela tenha suas particularidades. Sendo assim, requer um conjunto de conhecimentos para que se construa o sentido da enunciação como um todo. Dentro desse requisito está a necessidade de conhecer as características do gênero em questão para movimentar conhecimentos básicos e específicos para o seu entendimento, haja vista que compreendemos que a charge, para ter o efeito de sentido desejado, conta com a condição necessária de que o leitor conheça o discurso com o qual a charge dialoga.

A charge é um gênero jornalístico que se constitui a partir dos acontecimentos políticos, sociais que sejam contemporâneos a ela. Dessa forma, na natureza da charge estão presentes discursos, os quais a originaram e com os quais ela dialoga tensamente por meio da crítica – no sentido de que a charge é sempre a apreciação/valoração de um tema por um locutor. Para que se compreendam os sentidos da charge, é necessário identificar as diferentes vozes que se entrecruzam no discurso chárstico e, a partir disso, entender quais os efeitos desse encontro de vozes.

Além disso, para compreender os sentidos em circulação na charge, faz-se necessário entender a construção composicional desse gênero. É importante conhecer o gênero charge para saber ler o que sua composição apresenta e, assim, atingir uma leitura crítica, conforme nos aponta Cirne (1972, p. 12-15). Segundo o autor, “interessa uma leitura estrutural que nos encaminhe para a leitura criativa capaz de identificar seu

processo e sua ideologia. A verdade é que não se pode ler uma história quadrinizada como se lê um romance”. Talvez por isso muitas vezes o teor crítico da charge não é percebido, porque falta uma instrumentalização para essa prática leitora.

Embora não estejamos trabalhando propriamente com o ensino, o objetivo desta dissertação suscita reflexões sobre leitura e produção de sentidos em língua portuguesa. Assim, quando trabalhamos na escola com charge, temos a oportunidade de observar a língua em uso; desenvolver a capacidade leitora e crítica dos educandos. A partir da concepção dialógica de linguagem, a partir do arcabouço teórico que sustenta este trabalho, é possível compreender o potencial do gênero chárstico para o ensino de língua materna no que tange ao desenvolvimento das habilidades e competências necessárias em língua portuguesa, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Orientações Curriculares (OC).

O estudo da charge é uma possibilidade de trabalho em sala de aula porque permite atividades com outros textos, por exemplo, aqueles que a originaram, com isso é ampliado o leque de discursos que o professor pode levar para as aulas de leitura e interpretação. Refletindo sobre diferentes discursos, o professor pode motivar a formação crítica de leitores, capazes de se posicionar socialmente e exercer sua cidadania nas variadas esferas de atividade humana.

Isso pode ser alcançado a partir de análises que vão além do aspecto linguístico e tomem o objeto de pesquisa nos contornos da cultura em que ele se insere. Com leituras que contemplem o verbal e o não verbal, mostrando que esses elementos se complementam para edificar o sentido, é possível levar os alunos a identificar e compreender as vozes em ressonância no discurso.

Outra questão é que, embora a charge dependa de discursos contemporâneos a ela para ter seu diálogo, a charge tem um caráter documental histórico, ela é registro de pontos de vista e ideologias em circulação. Nesse sentido, em termos de ensino de língua materna, a charge pode contribuir para a sociedade como documento histórico de registro da língua, bem como na menção de fatos ocorridos nas diferentes esferas discursivas que têm como tema: política, religião, moral.

Consoante a isso, os PCN lembram a importância de se recuperar o caráter histórico e contextual das manifestações discursivas para se compreender as razões de usos da língua, como podemos analisar na citação a seguir:

O exame do caráter histórico e contextual de determinada manifestação da linguagem pode permitir o entendimento das razões de uso, da valoração, da representatividade, dos interesses sociais colocados em jogo, das escolhas de atribuição de sentidos, ou seja, a consciência do poder constitutivo da linguagem (PCNEM 2000, p. 07).

Sendo assim, faz-se necessário o entendimento de que na comunicação há tensão e que seja qual for a nossa forma de comunicar, verbal, visual, verbo-visual, sonora, sempre será um ato valorativo, no sentido bakhtiniano do termo. Todas essas noções são importantes para que se compreenda como os sentidos se edificam no gênero chárstico e, a partir daí, atentar à formação crítica capaz de perceber os sentidos meio a trama dos discursos.

Tudo isso faz da charge um complexo e rico objeto de estudo para perceber como os sentidos são construídos dialogicamente. Levando-se em consideração a ampla circulação e a importância social da charge, esperamos, com o debate acerca das charges analisadas, abrir espaço para reflexões que possam contribuir para discussões sobre a formação crítica de leitores.

Passemos, no capítulo seguinte, à apresentação da metodologia da pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Não é raro se encontrar leitores que têm dificuldade de entender a charge, o que pode ser ocasionado, dentre outras razões, pelo não conhecimento dos fatos contemporâneos à produção da charge e/ou por uma formação lacunar no que se refere à leitura, ou seja, à compreensão dos sentidos produzidos no discurso. Tendo em vista essa constatação, foram selecionadas para análise charges consideradas polêmicas, por apresentarem, por um lado, discrepâncias entre a produção e a recepção dos sentidos e, por outro, repercussão na mídia, devido à diversidade de leituras.

Considerando tais ponderações, foi realizada uma pesquisa na internet com a palavra-chave *charges polêmicas*, visando encontrar materiais que informassem sobre leituras inapropriadas, charges mal interpretadas ou algum outro aspecto que envolvesse a construção de diferentes sentidos em torno de uma mesma charge. Assim, para essa palavra-chave, um total de 330.000 registros foram apresentados. Frente ao elevado número de dados encontrados pelo sistema de busca, nosso trabalho consistiu em (1) investigar em que medida as charges estavam sendo consideradas polêmicas e (2) delimitar as charges que iríamos analisar.

Percebemos que as charges eram consideradas polêmicas por inúmeros motivos como duras críticas políticas, ofensas religiosas, difamação de pessoas públicas, denúncia de escândalos políticos, reclamações ácidas sobre as condições públicas de segurança, condenação do sistema de ensino etc. Encontramos também, nesse conjunto, charges consideradas polêmicas por apresentarem muitos leitores em discordância com o assunto tratado na charge. Essa última dimensão contempla o recorte por nós estabelecido.

A partir desse critério de seleção, passamos a buscar, para compor nosso material de análise, charges que tivessem especificamente gerado comentários que deixassem entrever que o leitor valorou de maneira diferente os elementos verbais, visuais ou verbo-visuais que o projeto enunciativo da charge delineou. Considerando essa particularidade – charges tidas como polêmicas por suscitarem discursos-resposta, seja em forma de crítica ou tom jocoso, que tiveram controvérsia nos sentidos em circulação –, optamos por coletar e analisar charges e respectivos discursos-resposta que surgiram como uma contrapalavra.

Assim, delimitamos como recorte charges e comentários veiculados em meio digital, isto é, *sites*, blogues e jornais on-line, entre 2011 e 2014, que fizessem referência a fatos divulgados pela mídia brasileira também entre esses anos. Do conjunto de charges polêmicas encontradas, selecionamos quatro charges e onze discursos-resposta a elas relacionados. Essa escolha deu-se em torno de os discursos terem tópicos contemporâneos de relevante discussão na sociedade, a saber, abandono de animais, banalização da violência e morte trágica. Os discursos-resposta foram escolhidos por apresentarem maior discrepância de sentido em relação ao discurso da charge principal selecionada e mediante seu padrão de constituição, no que se refere a não conter comentários ofensivos, xingamentos e/ou palavrões dirigidos ao chargista.

As charges e os discursos-resposta também foram selecionados, de modo a atender aos objetivos da pesquisa. No que tange ao objetivo geral, este trabalho visa analisar como acontece a construção dialógica dos sentidos, considerando o projeto enunciativo da charge e as leituras de seus interlocutores, especificamente em charges consideradas polêmicas, isto é, charges que apresentam discrepâncias entre a produção e a recepção dos sentidos e tiveram repercussão na mídia, devido à diversidade de leituras. Como objetivos específicos, esta pesquisa visa (a) examinar de que forma diferentes vozes sociais que atravessam charges polêmicas se engendram e refletem e refratam sentidos no discurso; e b) discutir sobre discursos-resposta que emergem a partir das charges polêmicas em questão.

Consideramos a charge como um gênero discursivo complexo que requer a mobilização de diferentes conhecimentos para a sua compreensão. Assim, desenvolvemos, com base nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, procedimentos metodológicos de análise, como apresentados na sequência, com fins de atender aos objetivos deste trabalho. Dessa forma, sob o viés enunciativo-discursivo, são analisados, por um lado, como acontece a construção dialógica dos sentidos na charge, e, por outro, como os leitores se posicionam a respeito da charge, procurando identificar o que gerou os sentidos controversos entre o projeto de dizer da charge e o ponto de vista do interlocutor.

A análise, que constitui o capítulo *Vozes em confronto na produção e recepção de charges: sentidos polêmicos em circulação*, está organizada por temática, conforme a seleção de quatro charges principais, que desencadearam as polêmicas focalizadas: abandono de animais, banalização da violência e morte trágica. Em sua organização interna, a apreciação de cada charge principal contempla: (a) apresentação dos

elementos da charge principal, (b) análise da charge principal, fonte das polêmicas focalizadas, (c) apresentação da repercussão da charge principal na mídia, via discursos-resposta, e (d) reflexão sobre a leitura/recepção da charge principal em diálogo com os discursos-resposta selecionados.

No desenvolvimento da análise, são utilizadas noções bakhtinianas, como gênero do discurso, enunciado, palavra, acento de valor e vozes sociais, que respaldam a apreciação sobre os discursos selecionados. É oportuno mencionar também que serviram de base para edificar a análise as orientações metodológicas apresentadas em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2009, p. 45), a saber: (a) *não separar a ideologia da realidade material do signo*; (b) *não dissociar o signo das formas concretas de comunicação*; (c) *não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infraestrutura)*. Assim, o discurso é considerado a partir do vínculo com seu contexto sócio-histórico, o que remete à necessidade de as análises serem desenvolvidas a partir dos limites de determinada cultura, de modo a compreender as questões discursivas engendradas às esferas sociais de onde emergem.

Nessa perspectiva, no desenvolvimento da análise, os discursos são considerados a partir da situação de produção e do *horizonte social* em que se inscrevem. Para tanto, apresentaremos os discursos que deram origem a cada uma das quatro charges principais, visando não só analisar o funcionamento da produção de sentidos, mas também levantar possibilidades de compreensão do conflito de vozes nas polêmicas apresentadas. Ao final das análises, faremos um comentário geral acerca dos discursos apresentados.

Passemos a uma breve descrição de cada uma das quatro principais charges analisadas, que deram origem às polêmicas em foco, bem como à apresentação dos discursos-resposta considerados na análise. A primeira charge analisada é de autoria de Iotti e foi publicada em 30 de dezembro de 2011 no jornal *Zero Hora*, publicação do Grupo RBS filiado à Rede Globo. A charge tem como tópico o abandono de animais em situações como as férias de verão. Em relação à análise dessa charge, também serão considerados os discursos-resposta publicados no *Blog do editor: a vida na redação* que também pertence à RBS. Nesse endereço virtual, dois comentários foram selecionados por apresentarem leituras distintas daquelas baseadas no projeto de dizer da charge em questão. Na mesma perspectiva, foi selecionado um comentário do endereço eletrônico *O grito do bicho*, que se posiciona contrariamente ao tema da charge de Iotti. Também sobre o abandono de animais e em relação com a primeira charge, é analisada outra

charge de Iotti, edificada como contrapalavra dos discursos de leitores que repudiaram sua primeira charge. Ainda, nessa seção, será também examinado outro comentário postado por um internauta no blogue *O grito do bicho* referente às charges em foco.

A segunda charge principal focalizadora de polêmica é de autoria de Benett e tem como tópico a banalização da violência. Relacionados a essa publicação também serão examinados dois discursos que surgiram como uma contrapalavra a essa charge, a saber, uma carta de um leitor veiculada na *Folha de São Paulo* no espaço chamado *Painel do leitor*, bem como uma carta aberta direcionada ao jornal *Folha de São Paulo*, publicada pela Associação Brasileira de Horticultura, opondo-se ao tema da charge.

A terceira charge analisada é de Marco Aurélio, publicada no jornal *Zero Hora* do dia 29 de janeiro de 2013, cujo tópico é a tragédia ocorrida em uma boate da cidade gaúcha de Santa Maria. É trazida para a reflexão também a notícia *Incêndio na boate Kiss – entre a emoção e o escárnio*, veiculada no dia 31 de janeiro de 2013 pelo site *Folha de Dourados*. Em consonância com o mesmo tópico, discutiremos uma publicação do sítio *Coletiva.net*, do dia 26 de fevereiro do mesmo ano, que se apresenta contrariamente à publicação da charge de Marco Aurélio.

Ainda sobre o assunto da tragédia na boate de Santa Maria, a quarta charge analisada é de Chico Caruso e foi veiculada no dia 28 de janeiro de 2013 na capa do jornal *O Globo*, bem como em um site chamado *Blog do Noblat*. Em seguida, apresentamos o discurso-resposta que foi publicado no *Portal Fórum* no dia 14 de maio de 2014.

No capítulo seguinte, são apresentadas as análises do material selecionado, a partir dos pressupostos da teoria bakhtiniana.

3 VOZES EM CONFRONTO NA PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE CHARGES: SENTIDOS POLÊMICOS EM CIRCULAÇÃO

Neste capítulo, analisamos o material selecionado, conforme proposta apresentada no capítulo anterior.

3.1 ABANDONO DE ANIMAIS¹⁶

A primeira charge focalizada, que desencadeou diferentes discursos-resposta, foi publicada no dia 30 de dezembro de 2011 no jornal *Zero Hora*. Assinada por Carlos Henrique Iotti, jornalista e cartunista gaúcho, a charge, como podemos ver na figura 1, apresenta elementos verbais e não verbais que dão forma ao discurso. Em um quadro, que aparece de maneira dividida, dando a entender duas cenas, a charge apresenta duas situações: na primeira, um homem e uma mulher discutem acerca do que fazer com um cachorro por razão de uma viagem à praia. Na segunda, aparece o cão sendo jogado pelo casal em um veículo em movimento em uma estrada pavimentada. No carro podemos ver malas, vara de pescar, prancha etc., elementos que são socialmente vinculados a uma viagem ao litoral.



Figura 1: extraído de Zero Hora 30/12/2011.

Com base na observação da charge, podemos entender que o tópico principal é o abandono de animais em situação de férias. Esse assunto é contemporâneo e retrata o

¹⁶As charges que discutimos configuram um interessante objeto de estudo para pensar o discurso. Trabalhos que envolvem essa temática podem ser apreciados em Di Fanti (2012; 2013).

comportamento cultural de as pessoas se deslocarem para o litoral no verão e, em função disso, questionarem-se quanto ao que fazer com seus animais de estimação. Dentro dessa questão, a charge pontualmente faz alusão àquelas pessoas que abandonam os animais justamente frente ao desejo de veraneio no litoral. O que se tem, dessa maneira, a julgar pelo projeto de dizer do gênero discursivo charge, é uma crítica a esse comportamento.

Assim, a cena do abandono do cachorro na charge problematiza a situação do abandono de animais em nossa sociedade. O discurso da figura feminina – “... e o que fazer com esse bicho” – é acentuado valorativamente de modo a servir de alerta para o fato de que existem pessoas que tomam esse tipo de atitude, o que não é julgado positivamente por aqueles que defendem a causa dos animais.

Na fala da personagem feminina, o uso da palavra “bicho” sinaliza, devido à entonação expressiva despendida à palavra, no contexto em que é produzido o discurso, o não envolvimento da mulher com o animal que aparece perto dela. Na sociedade em que estamos inseridos, cachorros são animais domésticos, que convivem com humanos. Geralmente, se o cachorro pertence à família, ele é chamado por um nome que o particulariza e não denominado como animal ou bicho simplesmente. Mais do que isso, cães e gatos são considerados como membros da família – por pessoas que gostam de animais – e isso acentua a gravidade do assunto no âmbito social.

Notemos que a palavra “bicho”, nessa situação, acrescida da expressão facial da figura feminina, é atravessada por valorações negativas, materializadas verbalmente por uma forma não afetuosa de se referir ao cão. Além disso, a mesma mulher, na segunda cena da charge, aparece jogando o cachorro para fora do carro, o que aponta para a falta de afeto ao cão e para a prática de abandono de animais quando eles podem atrapalhar os programas da família.

A charge em questão teve alto índice de rejeição, segundo o *Blog do editor: a vida na redação*¹⁷, um endereço eletrônico de variedades do grupo RBS, empresa que publica o jornal *Zero Hora*. No *Blog*, podemos ler que 42 mensagens foram enviadas para o correio eletrônico destinado ao relacionamento com o leitor. De acordo com o *site*, “para muitas pessoas, ao mostrar o cãozinho sendo largado na estrada, o chargista estaria promovendo o abandono dos animais”. O *site* publicou alguns dos comentários na íntegra, como podemos ver:

¹⁷ Disponível em <http://wp.clicrbs.com.br/editor/2012/01/06/do-leitor-charge-de-iotti-foi-o-assunto-mais-comentado-pelos-leitores/?topo=13,1,1,,77>. Acesso em 12 fev. 2014.

Venho manifestar minha indignação de ver na ZH do dia 30/12 a charge do Iotti na qual um casal atira um cão de dentro do carro para a estrada que os conduz supostamente à praia. Cães não podem ser descartados em função das férias das famílias. Devemos é proteger estes animais, deixá-los em locais apropriados na impossibilidade de não poderem ser levados ou na casa de alguém conhecido, mas jamais descartados como lixo. Fico surpresa pelo Iotti ter feito uma charge deste nível, que passa uma ideia equivocada de como devemos cuidar dos nossos animais de estimação. **Comentário 1**, de uma professora da cidade de Itaara. (*BLOG DO EDITOR: A VIDA NA REDAÇÃO*)

Podemos ler também:

É indiscutível o talento do humorista Iotti. Mas, na minha opinião, seu trabalho do dia 30 de dezembro de 2011 foi de uma infelicidade ímpar. Vivemos uma época em que, graças a Deus, várias entidades protetoras dos animais realizam campanhas buscando fazer com que estes possam ter qualidade de vida. Será que a charge não servirá de estímulo ao abandono dos animais? Registro minha indignação, respeitosamente, considerando que ninguém merece tal tratamento. **Comentário 2**, de uma professora de Santa Maria. (*BLOG DO EDITOR: A VIDA NA REDAÇÃO*)

Na leitura desses interlocutores, a charge licencia o abandono ao retratar uma situação de descarte do animal de estimação. Nessa perspectiva, suas apreciações demonstram uma atitude responsiva negativa na recepção da charge. A palavra “indignação” e a expressão “infelicidade ímpar”, presentes nos comentários, levam-nos a compreender que, para os leitores, o tema foi construído na tensão entre vozes sociais que anunciam que os animais de estimação devem ser protegidos (comentário 1: “várias entidades protetoras dos animais realizam campanhas buscando fazer com que estes possam ter qualidade de vida”) e vozes sociais que dizem que o abandono acontece (comentário 2: “Cães não podem ser descartados em função das férias das famílias”). O conflito, pois, dá-se porque há, ainda, o entendimento de que a charge possa reafirmar o abandono ou até mesmo motivá-lo, como podemos ver na passagem do comentário 1 “[...] uma charge deste nível, que passa uma ideia equivocada de como devemos cuidar dos nossos animais de estimação”.

Ao fazermos uma pesquisa em buscadores da internet a partir da entrada *Iotti abandono de animais*, foi possível verificar inúmeras páginas digitais, fóruns e discussões em redes sociais acerca da charge em questão. Foram encontrados aproximadamente 212 resultados no buscador *Google*. No endereço eletrônico *O grito*

*do bicho*¹⁸, por exemplo, podemos ler muitos comentários contrários à charge. Alguns repudiam a forma como o tópico do abandono de animais teria sido considerado piada, outros ofendem diretamente a Iotti. Meio a todos esses posicionamentos, encontramos um comentário postado pelo autor da charge:

Olá para todos. Aqui quem escreve é Carlos Iotti, autor da charge. Antes de tudo gostaria de registrar meu espanto com a interpretação que foi dada à charge. A minha ideia era exatamente oposta a essa. A ideia da charge é uma DENÚNCIA a essa barbaridade que acontece nessa época do ano. Tenho 27 anos de charge e sempre defendi os direitos dos animais. Trabalhei com a SOAMA de Caxias do Sul em um calendário ilustrado e seguidamente faço charges reivindicando melhor atenção aos peludos de lá. São mais de 3 mil entre cães e gatos ABANDONADOS. Infelizmente, acredito que não me fiz entender nessa charge. Mea culpa. (*SITE O GRITO DOS BICHOS, grifos do autor*). **Comentário 3.**

Nessa declaração, é oportuno observar que o autor através da palavra “denúncia” propõe ao leitor que compreenda o teor crítico da charge. Para nós, esse é justamente um ponto importante, haja vista que entender o projeto de dizer desse gênero do discurso é indispensável para sua interpretação. Isso quer dizer que saber que a charge tem em seu discurso a crítica como efeito de sentido instaurado é condição para construir os sentidos a que seus elementos verbo-visuais orientam.

Outra questão é compreender que a crítica dá-se sobre discursos contemporâneos presentes na sociedade em que a charge se insere (“DENÚNCIA a essa barbaridade que acontece nessa época do ano”, conforme comentário 3). Assim sendo, o momento da leitura exige, a nosso ver, conhecimento da charge como gênero e conhecimento dos discursos que com ela dialogam.

Em publicação do jornal *Zero Hora* do dia 05 de janeiro de 2012, no espaço intitulado *Do leitor*, podemos ler outra declaração do chargista acerca do ocorrido, conforme mostra a figura 2. É interessante observar como o jornal apresenta Iotti, configurando discursivamente uma imagem de pessoa em prol da causa animal – fazendo crer que, se houve algum problema de compreensão, foi por parte do leitor que não percebeu a crítica da charge.

¹⁸ Disponível em <http://www.ogritodobicho.com/2012/01/charge-infeliz-sobre-abandono-de.html>. Acesso em 12 fev. 2014.

SOBRE ZH

ZH recebeu 42 manifestações de leitores a respeito da charge de Iotti publicada no dia 30 de dezembro, a qual mostrava um casal abandonando um cão na estrada ao partir de férias. Quarenta das manifestações criticavam o cartunista. Foi o caso do professor **Carlos Costabeber**, de Santa Maria, para quem Iotti “tentando fazer piada, foi de uma infelicidade absurda”. Ou a professora **Márcia Martins**, de Porto Alegre, questionando a publicação de um desenho “que pode estimular ainda mais o abandono de animais que já é absurdo nesta época”.



O cartunista Iotti, um cachorroiro convicto, se surpreendeu com as reações.

– Gente, a charge era para ser favorável aos animais – comentou o dono de Gila, um cão que ele classifica de “dog ausentino” (veio de São José dos Ausentes), e Melissa, “uma labradora com diabetes”.

Em sua charge de hoje, à página 17, ele volta ao assunto – e espera ser mais claro.

Figura 2: extraído de Zero Hora 05/12/2012.

Como podemos ver na publicação, depois de descrever que o chargista é “um cachorroiro convicto”, a coluna anuncia que “em sua charge de hoje, à página 17, ele volta ao assunto – e espera ser mais claro”. Com a atitude de publicar essa nota didática, entendemos que o jornal prepara o leitor para interpretar a nova charge de Iotti.

Assim, depois de toda repercussão, no dia 05 de janeiro de 2012, na seção artigos, Iotti publica uma nova charge como forma de retratação frente às críticas a ele direcionadas. Dessa vez, a situação é explicitada através da imagem de um carro em movimento na estrada, contendo no teto malas e uma vara de pescar, simbolizando as férias, e um cão com expressão de aterrorizado, com lágrimas nos olhos, “dizendo” “por que me abandonaste, senhor?”. Há na charge, na parte superior central, uma espécie de legenda – “Aumenta o número de animais abandonados” – como se vê na sequência (figura 3).



Figura 3: extraído de Zero Hora 05/01/2012

Podemos perceber na charge que tanto a legenda que declara o aumento do abandono quanto a “fala” do cachorro indicam ao leitor quais discursos devem ser acionados para que se edifiquem os sentidos em circulação. Além disso, nas páginas anteriores do mesmo jornal, há a publicação didática que contextualiza o leitor na polêmica envolvendo a primeira charge. Ademais, traz uma declaração do chargista dizendo que ele foi mal interpretado e, ainda, a matéria relata que Iotti tem dois cachorros.

Quando o chargista coloca uma espécie de legenda na charge, esse enunciado marca quais enunciados anteriores ele está pedindo que busquemos. No caso da charge que foi produzida como um discurso-resposta à repercussão negativa da primeira charge, o autor solicita que a partir do enunciado “aumenta o número de animais abandonados” e da cena que mostra um cachorro na estrada, chorando e vendo um carro se afastando, os leitores possam compreender que os animais não podem ser abandonados.

Assim, os enunciados que promovem uma reflexão acerca do abandono de animais são os enunciados anteriores ao discurso com o qual a charge está dialogando, além dos discursos que dizem que os animais são abandonados nas férias. É o entrecruzamento desses discursos que dá cena à charge e projeta a reflexão acerca da condição de abandono de animais. Essas vozes são orientadas a partir da legenda para que o leitor, quando construa os sentidos, saiba que tem de valorar certos elementos e não outros.

É necessário frisar que a legenda é um enunciado que faz suscitar a ideia de manchetes de notícias, o que confere à nova charge um tom de transparência ao real, efeito pretendido pela notícia. Essa legenda soa como uma voz outra, uma voz coletiva,

em acordo com a causa contra o abandono, ela endossa o posicionamento do locutor.

Além disso, o chargista usa na “voz” do cachorro um enunciado que remete a um dizer bíblico de Cristo na cruz: “Pai, por que me abandonaste?” Ressaltando o tom de que os animais são abandonados, jogados à própria sorte, assim como, segundo a crença católica, sentiu-se Cristo naquela situação de crucificação.

Após a apresentação da repercussão da charge principal, fonte das polêmicas focalizadas, em que se observam discrepâncias entre a produção dos sentidos e a recepção na mídia, devido à diversidade de leituras, passamos a refletir sobre a leitura/recepção da charge principal.

Para quem não tem conhecimento do projeto enunciativo da charge, que é criticar algo a partir de um fato gerador que tenha acontecido, pode-se dizer que os signos ideológicos da charge principal foram apreendidos como reflexo das falas dos personagens. Isto quer dizer que não foi alcançada a refração dos signos, no sentido de se perceber a criticidade que o gênero charge supõe.

Sendo assim, podemos dizer que houve uma espécie de compreensão focada na significação linguística das palavras, que constituem o discurso verbal da charge, e ganham força nos elementos visuais, mas não houve apreensão do tema do enunciado. A compreensão do tema, pois, depende da observação dos enunciados verbo-visuais, engendrados à situação de produção tendo em vista o gênero charge e sua vocação à crítica.

É necessário, dessa maneira, que o leitor compreenda em conjunto os elementos verbais e não verbais. Se não o fizer, não conseguirá aprofundar sua leitura, passando da apreensão dos elementos que estão na superfície desse discurso para entender a crítica que espera uma atitude responsiva do leitor de compreender que a charge quer denunciar/criticar a atitude do abandono de animais.

Assim, o leitor, para entender o discurso chárstico em questão, necessita perceber as relações de sentido geradas pelas vozes sociais engendradas no discurso sobre o abandono dos animais, de modo a entender a crítica relativa a esse problema. Não percebendo as relações de sentido estabelecidas pelas vozes sociais sobre o abandono de animais, outros sentidos podem ser evocados, como é o caso da dúvida observada no comentário 2, de uma professora que escreve: “Será que a charge não servirá de estímulo ao abandono dos animais?”.

Podemos entender que as diferentes refrações de sentido, observadas nos discursos-reposta da charge sobre o abandono de animais, podem ter sido geradas por

duas questões: primeiramente devido à proximidade de muitos sujeitos com a causa da proteção dos animais, o que poderia dificultar a percepção sobre a existência da crítica, focalizando o olhar no descarte do cachorro. No entanto, conforme o projeto enunciativo da charge e a valoração que circula socialmente a respeito da proteção dos animais, seria inimaginável que uma charge pudesse fomentar o abandono de animais em um veículo de comunicação como é o caso do jornal. A outra questão levantada sobre os diferentes sentidos refratados vincula-se à possibilidade de os sujeitos atribuírem distintos tons avaliativos devido ao desconhecimento da função da charge na esfera social, no caso focalizando os quadrinhos como manifestação de humor, o que acaba por desconsiderar a charge pela sua função crítica social, sempre relacionada a um fato da contemporaneidade, como é o caso do abandono de animais em época de férias e final de ano.

É possível dizer que, na constituição da charge, há vozes que, por um lado, se aliam a manifestações contra o abandono dos animais e, por outro, entram em confronto com pessoas que praticam esse descarte. Logo, os leitores, ao entenderem que a charge faz apologia ao abandono de animais, deixam entrever a discrepância entre a produção e a recepção dos sentidos. O conhecimento do gênero charge e de seu projeto enunciativo não possibilitaria que se entendesse a charge como possível promotora do abandono de animais.

O que se percebe é que os leitores, motivados por seu horizonte social que dá valoração à causa da proteção aos animais, vincularam a cena retratada na charge à apologia ao abandono de animais. É como se essas pessoas não conseguissem se afastar de suas convicções e julgassem a charge somente desse lugar axiológico, colocando em pé de igualdade as seguintes ideias: ilustração de abandono de animais é apologia ao abandono. A partir dessa reflexão, entende-se por que alguns discursos-resposta que se apresentaram em discordância com a charge solicitavam retratação pública do chargista.

Analisando a charge principal, observamos que a valoração dos elementos verbais e não verbais, ancorados em discursos contrários ao abandono de animais em situações como férias escolares, através da cena apresentada na ilustração, alertam a população sobre a responsabilidade com os animais. Há uma crítica sobre o abandono de animais, o que implica uma espécie de conscientização social do não abandono. No espaço tempo relativo a férias de verão, em especial janeiro e fevereiro, muitos animais são desabrigados por falta de atenção ou são abandonados de propósito porque as pessoas, muitas vezes, não têm com quem deixar o mascote, por exemplo.

O contexto em que a charge foi publicada, 30 de dezembro, feriado de final de ano e mês de férias escolares, faz reverberar vozes sociais relativas ao abandono de animais, como: “animais são abandonados nas férias”, “não tenha essa atitude de abandono”, “animais são seres vivos que precisam de cuidados”, “a aquisição de um animal deve ser responsável” etc.

No jornal *Zero Hora* do dia em que a charge foi publicada, não havia notas nem notícias sobre férias. Mas o leitor, situado em uma determinada sociedade que compartilha índices de valor sobre determinados signos ideológicos que refletem e refratam sentidos em certos discursos, consegue identificar essas vozes tanto pela data de publicação quanto pelos elementos verbais e não verbais que compõem em particular essa charge.

Por outro lado, a charge parece estar em diálogo com uma campanha¹⁹ contra o abandono de animais nas estradas criada em parceria entre a Prefeitura de Porto Alegre e a concessionária Trunfo-Concepa. Essa notícia foi veiculada pelo portal de notícias *G1*, *site* da empresa Rede Globo à qual a RBS, do Grupo Zero Hora, é afiliada. Nela estão explícitos aspectos culturais como ir à praia no verão, ter animais de estimação e ver-se diante desse problema que é não ter com quem deixar o mascote. Ademais, a própria notícia alerta que, no ano de 2010, 370 acidentes envolvendo animais foram registrados no trecho entre a cidade de Porto Alegre e a praia de Osório. Até o momento da divulgação da notícia, mais de 250 casos já haviam sido registrados em 2011.

No entrecruzamento de todos os posicionamentos observados ao longo da análise, percebemos que o embate de vozes é ideológico, consoante às ideias de Bakhtin e seu Círculo. Mesmo ciente desse confronto de índices de valor, cabe questionar se os leitores têm afinidade com o gênero charge. Conheceriam os leitores o princípio formador da charge, o qual diz que ela, de modo geral, estabelece uma crítica à determinada situação?

Diante das considerações feitas, faz-se necessário levantar a questão que neste trabalho nos propomos: como o sentido é construído dialogicamente na charge? É oportuno refletir sobre essa questão uma vez que a charge é um gênero presente no cotidiano, aparece em jornais, *sites*, redes sociais e revistas.

¹⁹ Disponível em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2011/12/campanha-contra-abandono-de-animais-nas-estradas-e-lancada-no-rs.html>. Acesso em nov. 2014.

Outra questão é pensar em quão rico seria o trabalho com esse gênero discursivo em sala de aula. A partir das reflexões que surgiram na análise das charges e dos enunciados que dela emergiram, o professor pode discutir tanto o tópico transversal, nesse caso o abandono de animais, como a própria edificação do sentido tanto por parte do projeto de dizer da charge como por parte dos leitores. Continuemos analisando as charges que nos propomos para, ao final, argumentar acerca das questões levantadas.

3.2 BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

A segunda charge²⁰ que vamos analisar foi veiculada no jornal *Folha de São Paulo*, no dia 31 de outubro de 2013, e é de autoria de Benett. Nela, em um quadro dividido em duas cenas, podemos observar um menino que questiona ter brócolis como conteúdo de seu almoço. Em seguida, ele aparece portando um tubo de gasolina em uma mão e um palito de fósforo na outra; ao mesmo tempo, ele grita e atea fogo em um veículo. Na parte superior do quadro, sobre as cenas retratadas na charge, podemos ler a legenda que diz “A banalização da violência”, conforme mostra a figura 4.



Figura 4: extraído de Folha de São Paulo 23/11/2013

²⁰ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/136587-charge.shtml>. Acesso em 05 de nov. 2013.

De modo geral, a partir do discurso verbo-visual que se apresenta na charge, somos conduzidos à crítica à banalização da violência, ou seja, a violência por qualquer motivo. A cena que mostra o menino incitado pela presença do brócolis, questionando a mãe (“O quê? Mamãe pôs brócolis no meu almoço?”) frente à refeição e sob um fundo vermelho, faz alusão à banalidade sugerida no próprio enunciado que orienta a leitura da charge – por indicar a quais discursos temos de acessar para edificar o sentido.

A charge em questão dialoga com a atitude cultural de crianças não gostarem, de modo geral, de comer legumes, configurando motivo para desagradados no momento da refeição. Essa leitura, com base na observação do quadro em que a criança aparece frente ao prato, prepara o interlocutor para a cena seguinte que apresenta o menino enfurecido ateando fogo a um veículo.

Essas duas cenas, em conjunto, nos permitem conectar as ações ilustradas à legenda “banalização da violência”, criando, assim, a amarração entre a charge e os discursos que a originaram, que são os atos violentos em São Paulo, ocorridos e veiculados na semana de publicação da charge, 23 de novembro de 2013. Mas, para alcançar esse entendimento sobre a problematização da banalização da violência, o leitor tem de ir além do que está posto, de modo a associar discursos (presentes e pressupostos) para perceber como os sentidos são construídos.

Dessa maneira, a fim de compreender o gênero charge e situar o contexto em que foi produzida, é importante apresentar que, ao longo do jornal em que a charge foi publicada, encontravam-se matérias que se referiam à violência: atos agressivos que envolviam a polícia militar; uma declaração da presidente, Dilma Rousseff, acerca da violência dos ‘black blocs’; uma nota sobre o crescimento de homicídios; protestos com depredações. Além disso, estavam em evidência, na mídia, diferentes notícias acerca de manifestos violentos, como a ocupação da reitoria de uma universidade, acusações contra a polícia militar entre outros fatos que envolvem violência.

O importante da apresentação da situação de produção da charge é mostrar que o leitor tem de conhecer os fatos sociais que a originaram para conseguir compreender as vozes que estão em tensão e, assim, compreender como os sentidos são construídos.

A charge em questão gerou como resposta uma publicação em um espaço da *Folha de São Paulo*, intitulado *Painel do leitor*. Nessa seção, do dia 01 de novembro de 2013, encontramos:

Leitor critica charge e defende qualidades dos brócolis

LEITOR P. C. T., PROFESSOR DA ESALQ-USP DE PIRACICABA (SP).

Sou assinante antigo da **Folha** e não poderia deixar de expressar minha indignação com a infeliz charge de Benett na edição de ontem ("Opinião"). Comparar a fúria dos vândalos em São Paulo ao consumo dos brócolis é uma analogia inadmissível.

Essa charge é um enorme desestímulo para o consumo de hortaliças no país, que é de apenas 130 g por habitante/dia, enquanto a OMS recomenda 400 g. Os brócolis são considerados superalimentos, devido à sua riqueza em minerais, especialmente ferro, vitaminas e fibras. Além disso, contêm fitoquímicos que são reconhecidamente anticancerígenos e pouquíssimas calorias (100 g têm apenas 36 kcal).

<http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2013/11/1365250-leitor-critica-charge-e-defende-qualidades-do-brocolis.shtml>

Será que a partir de enunciados do leitor como “[...] não poderia deixar de expressar minha indignação com a infeliz charge de Benett [...]”, “comparar a fúria dos vândalos em São Paulo ao consumo dos brócolis é uma analogia inadmissível”, bem como “Essa charge é um enorme desestímulo para o consumo de hortaliças no país [...]” podemos depreender que os sentidos construídos pelo interlocutor do discurso-resposta são controversos em relação ao projeto de dizer da charge.

Outras questões que se colocam: não teria o leitor afinidade com o gênero em questão? Ou teria havido divergência entre a leitura/recepção do leitor/interlocutor e o projeto enunciativo do produtor/locutor do texto?

Pelos enunciados transcritos, podemos compreender que houve uma valoração negativa da charge por entender que nela há “desestímulo para o consumo de hortaliças no Brasil”. Além disso, houve não entendimento do projeto de dizer e da função desse gênero. No trecho “Comparar a fúria dos vândalos em São Paulo ao consumo dos brócolis é uma analogia inadmissível”, o leitor reconhece a situação social que dá origem à charge, mas focaliza no vegetal.

No caso da charge, o simples fato de não gostar de brócolis (poderia ser qualquer outro motivo cotidiano) fez com que o menino se rebelasse e saísse ateando fogo em carros. No discurso-resposta do leitor da *Folha*, não foi levado em conta o tema da charge, a banalização da violência, mas sim o brócolis. O que ocorre é que cada um, charginista e leitor, valorou de modo diferente o vegetal.

É importante acrescentar: o signo não verbal brócolis foi entonado de maneira distinta pelo chargista e pelo leitor que escreveu à *Folha de São Paulo*. Na charge, o vegetal em cena exemplifica o que seria a banalidade que é não gostar de um alimento e por isso atear fogo no ônibus. A relação é: desagrado = protesto violento = banalização da violência. Já no texto da *Folha*, o leitor entende que o brócolis naquela cena estaria sendo hostilizado, denegrado. Assim, o locutor estaria fazendo apologia a seu não consumo. A relação é: ilustração do brócolis como causa de protesto = desestímulo de consumo de um alimento importante.

No site *Benett blog*, há uma publicação intitulada *Tiras, desenhos, charges e brócolis* em que Benett apresenta diversos trabalhos, encerrando a postagem com a charge que estamos analisando, na qual coloca o seguinte comentário antes de apresentá-la: “[...] uma charge publicada na *Folha* que rendeu uma preciosa informação sobre o valor nutritivo dos... argh! brócolis”²¹. Pelo comentário, sobretudo pela interjeição “argh!”, podemos notar que esse vegetal é entoado com uma valoração negativa por parte do chargista, talvez por isso tenha sido utilizado para ilustrar o motivo de um desagrado. No entanto, o importante é entender que, no lugar do brócolis, poderia estar qualquer outro alimento, porque o foco é a violência por um motivo banal, e não o brócolis propriamente.

Quanto à crítica feita à charge, o leitor se identifica como professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, ESALQ-USP, de Piracicaba, São Paulo. Essa instituição, por trabalhar com Ciências Agrárias, Ambientais e Sociais Aplicadas, conforme o endereço eletrônico²² da própria universidade, provavelmente tende a defender o consumo de legumes, frutas, hortaliças e vegetais em geral, por isso a valoração a favor do consumo de brócolis e contra a charge – ou ao entendimento que o leitor teve dela.

No que tange à charge que estamos analisando, a Associação Brasileira de Horticultura (ABH) também se manifestou. Assim sendo, trazemos para discussão esse discurso-resposta. Em seu site oficial²³, a associação publicou uma nota direcionada à *Folha de São Paulo*, lamentando “a falta de criatividade ou de conhecimento do chargista Bennet”. E acrescentou ainda:

²¹ Disponível em http://benettblog.zip.net/arch2013-11-01_2013-11-15.html. Acesso em 05 de nov. 2013.

²² Disponível em <http://www.esalq.usp.br/ensino/index.htm>. Acesso em 16 de nov. 2013.

²³ Disponível em <http://www.abhorticultura.com.br/>. Acesso em 17 nov. 2013.

[...] entendemos que uma charge é um poderoso instrumento de comunicação com os leitores e deve ser usado de maneira responsável, correta e que leve mensagens verdadeiras aos mesmos, instigando uma reflexão crítica de uma dada realidade. Assim, a ABH, baseada em investigações científicas de diversas universidades e centros de pesquisas de diferentes partes do mundo, recomenda aos consumidores: consuma mais brócolis e viva muito mais e com mais saúde! (cf. o site oficial da associação <http://www.abhorticultura.com.br/>)

Assim como a crítica feita pelo professor da ESALQ-USP, a queixa dirigida ao jornal pela ABH se edifica no entendimento de que a charge desmotivaria o consumo de brócolis, um vegetal importante para a saúde, segundo as pesquisas que são mencionadas pela Associação. Essa afirmação, permeada por vozes que a constituem, vai contra a ideia de apresentar o brócolis como um elemento ruim, como as pessoas vinculadas a esse posicionamento ideológico entenderam que o chargista fez.

Isso posto, ressaltamos nesta análise que a charge, como um discurso que veicula sentidos, ideologias, assim como qualquer outro discurso, requer um conjunto de conhecimentos para que os interlocutores compreendam os sentidos pretendidos. Além disso, é necessário conhecer as características do gênero em questão para que se possam mobilizar conhecimentos básicos e específicos para o seu entendimento.

Conforme nos orienta Bakhtin, na leitura, entendida como compreensão, devemos assumir uma atitude responsiva ativa frente ao que lemos, mobilizando diferentes conhecimentos exigidos pelo discurso para o entendimento de cada gênero. No caso da relação entre a charge e os discursos-resposta observados, percebemos que não foram mobilizados os mesmos conhecimentos na produção da charge e na sua recepção, o que acabou estabelecendo um confronto ideológico de opiniões. No lugar do brócolis poderia estar qualquer outra situação rotineira – porque foi isso que o chargista fez: apropriou-se de um gênero primário, uma situação enunciativa cotidiana, para construir um gênero secundário, a charge, e abordar uma questão maior e mais complexa que é a banalização da violência – tema contemporâneo motivado por fatos concretos que aconteciam no Brasil, em 2013, durante manifestações populares²⁴.

²⁴ Notícias veiculadas na mídia brasileira no ano de 2013 sobre a banalização da violência: <http://odia.ig.com.br/noticia/opiniao/2013-08-10/marcus-tavares-banalizacao-da-violencia.html>; <http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2013/05/campanha-combate-banalizacao-da-violencia.html>; <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/11/onda-de-violencia-pode-ter-matado-370-pessoas-em-2012-diz-defensoria.html>; <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/11/custos-com-violencia-no-brasil-chegaram-r-258-bilhoes-em-2013.html>.

É oportuno ressaltar que, entre os depoimentos publicados e a charge, há discrepância no entendimento do tema: o sentido criado no todo do enunciado pelo projeto discursivo de dizer da charge é uma crítica contra a banalização da violência. Já os discursos-resposta de protestos selecionados colocam em questão o que seria o desestímulo ao consumo de brócolis.

A forma de dizer da charge prevê o conhecimento do leitor acerca dos acontecimentos sociais que, no caso, tinham como pauta a violência e, nessa perspectiva, a relação dialógica com vozes reverberadas por esse fenômeno: “por que a violência acontece”, “como podemos tomar uma atitude responsiva de basta frente aos excessos”, “desejo de justiça”, “requerimento de investigação e apuração dos fatos”. Uma leitura crítica deveria recuperar vozes da atualidade para, nesse ato, compreender a função social da charge de Bennett e se inteirar do seu poder de crítica.

Comparando as contrapalavras apresentadas pelos leitores das charges polêmicas, em seus discursos-resposta, podemos perceber que eles não se posicionam quanto ao elemento essencial da charge (banalização da violência), mas sim manifestam repúdio, via acentos valorativos, ao que seria uma desvalorização do consumo de vegetais. Na charge principal em foco, que versa sobre a banalização da violência, novamente percebemos uma aproximação estrita ao objeto fonte de apreciação, no caso o brócolis, em detrimento do contexto maior da situação de enunciação em que a charge é produzida. Nessa leitura linear, o interlocutor não se afasta de sua esfera de atuação para colocar-se no lugar do outro e, em um movimento de alteridade, reconhecer outras interpretações.

Nessa perspectiva, percebemos, ademais, o não reconhecimento do gênero charge, no sentido de se contextualizar os enunciados, considerando a esfera de produção, circulação e recepção do discurso, bem como as relações dialógicas com situações enunciativas concretas que lhe deram origem. Para ler a charge e chegar à conclusão de que seu tema é o desestímulo ao consumo de vegetais, há de se fazer uma apreciação isolada dos elementos verbais e visuais, no nível da significação e não do tema, os quais deveriam ser apreendidos articuladamente no discurso.

Mesmo que a nota da ABH entenda que a charge deve instigar “uma reflexão crítica de uma dada realidade”, essa atitude responsiva de criticidade frente aos discursos contemporâneos em tensão com a charge não foi tomada por parte dos interlocutores, haja vista que, ao defender o consumo de brócolis, a Associação demonstra que tomou como foco de sua compreensão somente esse elemento. Não o

observou em relação às outras vozes que se engendram na charge para formar o discurso e os sentidos.

3.3 MORTE TRÁGICA

A terceira charge que vamos analisar é de autoria de Marco Aurélio e foi publicada no Jornal *Zero Hora* do dia 29 de janeiro de 2013. Com a legenda “Uma nova vida”, em apenas um quadro, a charge apresenta uma fila de estudantes frente a uma instituição denominada Universidade de São Pedro – USP. Na cena, da porta do edifício, São Pedro – a julgar pela posição que ocupa (é quem está na porta central com uma lista chamando àqueles que estão na fila para entrar no prédio), pela auréola que indica sua santidade e pela barba característica do apóstolo cristão – recebe e direciona os jovens de acordo com a graduação que cursavam. No canto esquerdo inferior, podemos ver a Terra, indicando que a cena acontece em outro lugar que não o nosso planeta. Há a imagem de um anjo e nuvens na cor azul claro contornam a cena. Essas nuvens, pelo contexto apresentado, podemos dizer que representam o céu, conforme vemos na figura 5.



Figura 5: extraída de Zero hora 29/01/2013

A charge apresentada dialoga com vozes sociais que enunciam uma tragédia ocorrida na cidade de Santa Maria no Estado do Rio Grande no Sul. No dia 27 de janeiro de 2013, cerca de 240 pessoas morreram devido a um incêndio em uma casa noturna da região. Segundo o *site* de notícias *GI*²⁵, a festa tinha como público-alvo jovens, sobretudo, universitários.

A charge de Marco Aurélio traz em sua composição discursos que remetem ao acidente ocorrido na cidade gaúcha. Isso é percebido através dos elementos verbais, como as palavras “universidade”, “jovens” e “céu”, e não verbais que compõem a charge. Tais signos refletem e refratam elementos – o prédio que aparece, nomeado de USP, que, além de Universidade São Pedro, também remete à Universidade de São Paulo; a grande quantidade de jovens, em fila, reforçando a ideia de ingresso de massa humana no céu; a ordenação dos jovens a partir da ocupação e/ou especialidade – que constituem o discurso e se engendram na construção dos sentidos, via vozes sociais com as quais a charge dialoga: a tragédia da boate Kiss em Santa Maria.

Podemos também perceber no discurso da charge de Marco Aurélio vozes religiosas a partir da presença dos signos ideológicos que refletem e refratam a crença espiritual. A legenda “Uma nova vida” faz menção a vozes sociais que apresentam uma visão de que existe outra condição de vida além dessa que temos no planeta Terra. O enunciado “Uma nova vida” é acentuado valorativamente, de modo a considerar que aqueles jovens que morreram no incidente estão vivos em outro plano que não o material. De certa forma, são produzidos efeitos de sentidos de conforto e consolo projetados a interlocutores diretamente ligados aos jovens, e também direcionado às pessoas que se comoveram com o fato, que seria o interlocutor potencial dessa charge.

A partir desses signos, é possível também, mais especificamente, associar os enunciados à esfera discursiva do catolicismo, uma vez que existe nesse campo a crença de que, quando as pessoas morrem, vão para o céu e são amparadas por santos e anjos – signos presentes na charge. Para justificar essa associação, podemos mencionar a figura com barba, asas e auréola, que se encontra na charge na porta de entrada do prédio, como sendo a imagem de São Pedro, santo da igreja católica, que foi culturalmente nominado como “porteiro” dos céus, devido a uma passagem do Evangelho de Matheus em que Jesus diz que dará a Pedro as chaves do céu.

²⁵ Disponível em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/tragedia-incendio-boate-santa-maria/platb/>. Acesso em 16 de maio 2014.

Esses signos ideológicos, além de refletir elementos da doutrina católica, podem refratar a ideia de que a morte não é o fim, pois ao morrer seremos auxiliados por entidades benevolentes capazes de nos cuidar e orientar, de acordo com os católicos. Essa valoração existe na sociedade e pode, em muitos casos, servir de amparo àqueles que se veem sofrendo por alguma perda – como é o caso dos familiares e conhecidos dos vitimados. Nessa perspectiva, é valorado o enunciado “Mãe, eu estou bem...”, que aparece na charge e ressoa vozes sociais que respondem à preocupação dos familiares em razão da perda.

O locutor projetado no discurso, isto é, o chargista, materializa, nesse enunciado, sua atitude responsiva ativa frente às vozes sociais que fazem circular comportamentos característicos de situações específicas: a desolação dos familiares diante da perda inesperada de um ente querido, no caso jovens, a partir de uma tragédia coletiva. Essa condição é norteadada por valores fixados na sociedade e, conforme nota Volochínov ([1926] 2010, p.159), essas são enunciações subentendidas que não necessitam ser enunciadas porque surgem como uma valoração social intrínseca ao fenômeno que expressam. Assim é o caso da dor dos familiares e todos os discursos cobertos com essa tonalidade.

Nessa perspectiva, em nossa sociedade, o fato da morte carrega consigo vozes de dor e sofrimento e as valorações que rodeiam esse fenômeno já estão presentes na cadeia discursiva. Elas organizam seus atos correspondentes.

Assim, a charge dialoga com os discursos que têm como tema a tragédia de Santa Maria, mas também dialoga com tantos outros discursos que reverberam o tópico da morte, da perda. Seu interlocutor, portanto, é tanto quem se sensibiliza com o ocorrido na cidade gaúcha quanto quem diretamente está relacionado às vítimas. Isso é o que podemos depreender a partir da construção composicional e arquitetônica que a charge apresenta através de seus elementos verbo-visuais.

Os sentidos em circulação na charge emergem do momento de dor que a sociedade estava inserida por razão do incêndio e do número de mortos e feridos. A charge, publicada no dia 29 de janeiro, dois dias após o incidente, não teve uma boa repercussão. Isso pode ser associado à situação de comoção e, ao mesmo tempo, de revolta por que estava passando a sociedade brasileira, especialmente a santa-mariense e

gaúcha. Em respeito às vítimas e seus familiares, foi decretado luto em Santa Maria e em cidades gaúchas como Lavras, Tupanciretã e Itaquí²⁶.

A charge, como gênero discursivo, muitas vezes é entendida como um discurso de humor e pode não ser bem aceita. Se entendida dessa forma, é passível de entendimento o repúdio, já que se vivia uma situação de luto, em que, de acordo com a cultura em que estamos inseridos, não cabe o humor. No entanto, em nosso entendimento, a julgar pelos elementos que a constituem, a charge em foco não trabalha com o humor.

Quanto à repercussão da charge, em meio a esse cenário concreto, o jornal *Zero Hora* publicou diversas notícias sobre o incidente e na coluna de opinião foi veiculada a charge em questão. Após receber críticas de leitores, o jornal gaúcho a retirou da edição on-line. O blogue *O diarista*, que costuma expor charges de Marco Aurélio e outras publicações do grupo RBS, empresa responsável pelo jornal *Zero Hora*, filiada à Rede Globo, foi retirado do ar.

Na internet páginas diversas publicaram matérias em repúdio à charge. O *site Folha de dourados*²⁷, por exemplo, no dia 31 de janeiro de 2013, veiculou uma notícia intitulada *Incêndio boate Kiss – entre a emoção e o escárnio*, em que declarou que a charge era “uma referência direta aos mortos da boate Kiss, de Santa Maria, que o mais reles pasquim de quinta categoria teria pejo de exibir”. Acrescentou, ainda, que a publicação tratava-se de um “monumento de mau gosto”. A notícia da *Folha de dourados* expõe ainda que:

Em episódios de risco de má interpretação, a medida mais salutar é eliminar as fontes possíveis de equívocos. No caso da tragédia de Santa Maria, o mais correto seria dispensar os chargistas de terem que caminhar na corda bamba. Mesmo porque uma seção de humor é a última coisa que o leitor gostaria de ver num jornal em uma ocasião como essa.

Nessa declaração, percebe-se a posição valorativa voltada ao entendimento de charge como discurso de humor. Como já mencionamos, os dicionários *Priberam* e

²⁶ Muitas cidades decretaram luto por Santa Maria, inclusive cancelando ou transferindo festejos como o Carnaval. Disponível em <http://www.lavras.mg.gov.br/?p=10247>; <http://www.itaqui.rs.gov.br/noticias/2013/01/prefeito-decreta-luto-oficial-no-municipio-em-razao-da-tragedia-de-santa-maria.html>; <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/02/luto-por-santa-maria-cancela-carnaval-em-mais-de-30-municipios-gauchos-4037893.html>. Acesso em maio de 2014.

²⁷ Disponível em <http://www.folhadedourados.com.br/noticias/brasil-mundo/incendio-na-boate-kiss-entre-a-emocao-e-o-escarnio>. Acesso em 17 de maio 2014.

Houaiss descrevem o termo charge como uma ilustração ou desenho humorísticos. Será que a charge tem sempre esse traço de humor presente em sua formação? Observando a charge em questão, podemos dizer que há elementos verbais e/ou não verbais que remetem ao humor? Entendemos que não.

No site *Coletivova.net*²⁸, em uma publicação do dia 26 de fevereiro de 2013, foi noticiado que:

Marco Aurélio entrou em férias logo após a publicação de charge alusiva ao incêndio da boate Kiss, em Santa Maria [...]. O trabalho repercutiu mal entre os leitores e internautas, que em comentários nas redes sociais expressaram insatisfação com a publicação, sobre a qual se referiam como um ato de insensibilidade e desrespeito aos sobreviventes, aos amigos e aos familiares das vítimas.

Se essa notícia procede, talvez o jornal tenha decidido afastar o chargista como forma de atenuar as críticas. Frente a essa problemática, pensemos qual é o lugar da charge como gênero de opinião? Se houve essa repercussão negativa a ponto de afastar o chargista, é porque não estamos lidando com um discurso insignificante. O gênero chárstico tem, sim, circulação no meio social. Isso mostra que um discurso complexo como a charge tem impacto na vida social por mexer com valores, com sentimentos, com subjetividades.

Outra questão necessária é, mais uma vez, levantar a reflexão acerca dos sentidos oriundos da tensão dos discursos que emergem no meio social. No caso da referida charge, essa tensão acontece, por um lado, em termos de produção, entre as vozes que refletem e refratam a tragédia de Santa Maria e, por outro, em termos de recepção, entre as vozes que associam charge a discurso humorístico. A vinculação da charge ao humor sugere valorações negativas, fazendo com que seu leitor, ciente da situação enunciativa concreta que deu origem à charge, valore negativamente a construção de sentido que relaciona charge-humor-tragédia, levando-o a tomar atitudes responsivas de desacordo, desagrado.

A partir das análises, podemos expor que os sentidos se constroem dialogicamente no gênero discursivo charge. Em sua produção, há vozes que se engendram no discurso para formar os sentidos. Já na perspectiva da recepção, o leitor toma uma atitude responsiva frente ao discurso que a ele se apresenta. É talvez nesse

²⁸ Disponível em http://www.coletiva.net/site/noticia_detalle.php?idNoticia=48854. Acesso em 17 de maio 2014.

momento que a polêmica se estabeleça porque cada qual valora de maneira distinta os elementos que compõem o discurso.

Acerca da mesma temática trazemos para discussão a charge de autoria de Chico Caruso, publicada na primeira página do jornal *O Globo*²⁹ do dia 28 de janeiro de 2013. A charge também foi veiculada no mesmo dia, na seção humor, pelo *Blog do Noblat*³⁰, um espaço do colunista do jornal *O Globo*, Ricardo Noblat.

Sob a forma de um quadro, temos uma cena que dialoga com o incidente da cidade de Santa Maria. Na charge vemos uma figura humana feminina vestida com camisa vermelha, calça preta e sapatos de salto. Ela leva as mãos à cabeça em alusão ao sentimento de espanto. A sua frente está um quadrado de ferro com grades, que nos remete a uma jaula, tomada por fogo. Desse espaço saem mãos humanas posicionadas para cima como que pedindo ajuda e bocas abertas como de pessoas que gritam. Centralizada na parte inferior da charge, há uma voz que exclama: – Santa Maria!

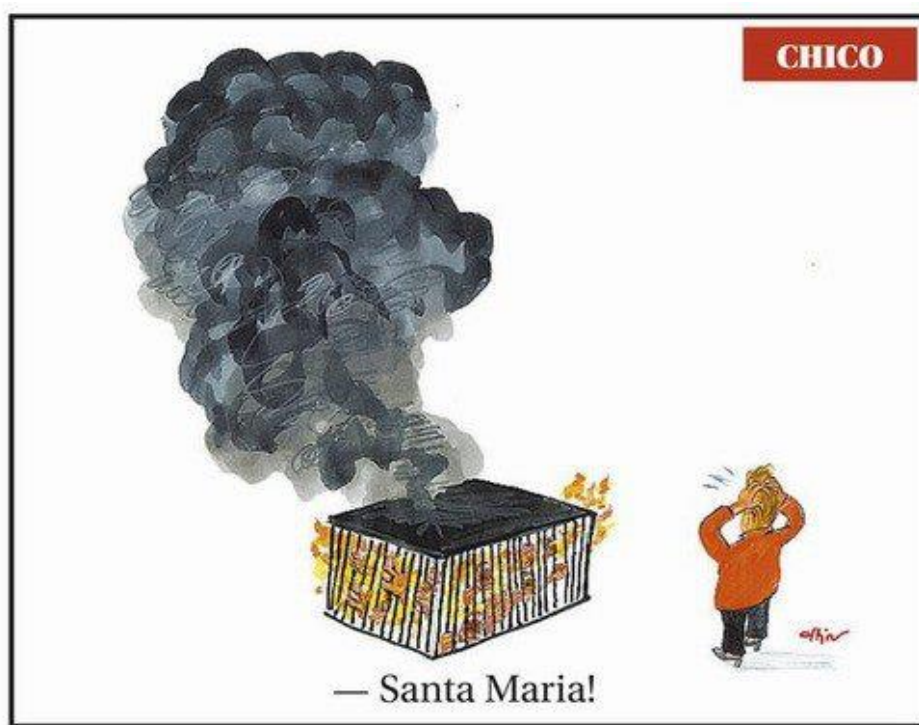


Figura 6: extraída do *Blog do Noblat* em 17/05/2014

Com base na observação da charge, podemos perceber que há signos ideológicos que refletem a situação do incêndio na boate gaúcha e refratam sentimentos como

²⁹ Disponível em <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/primeiras-paginas/o-horror-na-boate-8978056>. Acesso em 17 de maio de 2013.

³⁰ Disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/01/28/a-charge-do-chico-caruso-484094.asp>. Acesso em 17 de maio 2014.

agonia e tristeza. Essa apreciação dá-se em razão de as pessoas estarem presas em um quadrado de ferro, o que simboliza a não possibilidade de fuga. Também a julgar pelos signos ideológicos mãos levantadas pedindo ajuda e bocas abertas como de pessoas que gritam. Tudo isso nos leva a concluir, a partir do valor que esses signos têm na sociedade em que estamos inseridos, que as pessoas pediam por socorro.

Nessa cena, temos ainda um marcador de diálogo, centralizado na parte inferior da charge, que diz “Santa Maria!”. Introduzida por um travessão, essa marca de diálogo expressa uma voz social que pode refletir e refratar três entonações distintas, mas sobrepostas: a) interjeição de espanto que reforça os elementos não verbais (figura humana leva as mãos à cabeça em sinal de susto, assombro), b) interjeição de temor expressa pela invocação de nomes santos (a exemplo de outras expressões fixadas na língua com a mesma valoração: “santo Deus”, “meu Deus”, “minha nossa Senhora”) e c) referência à cidade gaúcha Santa Maria.

Outro signo ideológico que podemos perceber são as cores da vestimenta da figura humana que aparece na charge. As cores preto e vermelho podem refletir o Partido dos trabalhadores (PT) e refratar um possível envolvimento deste no incêndio da boate em Santa Maria. Esse signo ideológico pode também refratar questões políticas de diferentes instâncias porque o Partido dos Trabalhadores, em teoria, tende a ideias de esquerda, é o partido do presidente do Brasil, e o jornal e o blogue em que a charge foi publicada podem ser compreendidos como tendo uma orientação de direita.

Assim, a charge pode constituir uma crítica ao partido que está no poder e que, em tese, teria controle de situações como esta e é negligente em não fiscalizar os estabelecimentos – seja na instância que for, afinal, os governos federal e estadual eram na época da tragédia dirigidos por petistas. A própria capa do jornal *O Globo* em que a charge foi publicada nos dá subsídio para essa valoração. Com a manchete “Descaso mata 231 jovens no sul”, conforme podemos ver na figura 7, a capa apresenta diferentes discursos sobre a tragédia na boate gaúcha.

Dim. Leitores: Free 01/01/2010 - 0,48; Postal: 00046 - Pórtico: 00046-003; Direção: Nacional; Edição: 1; Preço: R\$10,00; Cota: 8

O GLOBO

Quarta-feira, 17 de Abril de 2014 - 19h30 - R\$10,00 - 100 páginas - 100% de notícias

Quarta-feira, 17 de Abril de 2014 - 19h30 - R\$10,00 - 100 páginas - 100% de notícias

www.globo.com.br

TRAGÉDIA EM SANTA MARIA

Além de um desastre humanitário, o incêndio em Santa Maria também foi um crime. A polícia investiga se houve negligência por parte dos responsáveis pela boate. A boate estava com o fogo já avançado quando os bombeiros chegaram. A boate estava com o fogo já avançado quando os bombeiros chegaram. A boate estava com o fogo já avançado quando os bombeiros chegaram.

Descaso mata 231 jovens no Sul

Boate com plano de prevenção de incêndio vencido e lotada de universitários pegou fogo após músico usar efeitos pirréticos no palco. Ao tentar escapar, estudantes encontraram a única saída bloqueada por seguranças



Um músico usou efeitos pirréticos no palco da boate, o que gerou o incêndio. Os estudantes tentaram escapar, mas a saída principal estava bloqueada por seguranças. A boate estava com o fogo já avançado quando os bombeiros chegaram.

Um músico usou efeitos pirréticos no palco da boate, o que gerou o incêndio. Os estudantes tentaram escapar, mas a saída principal estava bloqueada por seguranças. A boate estava com o fogo já avançado quando os bombeiros chegaram.

Um músico usou efeitos pirréticos no palco da boate, o que gerou o incêndio. Os estudantes tentaram escapar, mas a saída principal estava bloqueada por seguranças. A boate estava com o fogo já avançado quando os bombeiros chegaram.

Figura 7: extraída do jornal *O Globo* em 18/04/2014.

As orientações de esquerda e de direita no que tange à política formam um tenso confronto ideológico. O jornal *O Globo*, assim como o *Blog do Noblat*, é vinculado à *Rede Globo* que, por sua vez, pelo teor de suas publicações, podemos entender que tem orientação política de direita. Isso significa dizer que, de alguma forma, a publicação da charge nesse espaço pode sugerir o envolvimento do PT no incêndio da boate, seja de maneira indireta pela não fiscalização, por exemplo, das licenças de funcionamento da casa noturna, seja por razões de omissão de socorro por parte das autoridades competentes.

Isso pode se justificar pelo fato de a figura humana que aparece na charge estar apenas observando a situação. As mãos e bocas que aparecem refletem e refratam um pedido de ajuda, mas a pessoa na ilustração observa com espanto a situação de longe. Não age em prol das vítimas. Além disso, no plano gráfico, ela está posicionada levemente acima da perspectiva de enquadramento da jaula pegando fogo, configurando afastamento da situação.

Na leitura inicial dessa charge, com base em seus elementos verbo-visuais, poderíamos dizer que a figura humana que aparece assombra-se com a situação da

tragédia. Assim, teríamos uma leitura linear sobre o incêndio na Boate Kiss. Essa seria uma interpretação possível, mas não estaríamos considerando questões como: quem essa pessoa representa, por que essa figura humana foi assim retratada; por que a tragédia foi ilustrada dessa perspectiva; onde foi publicada a charge etc.

Ao relacionar os elementos da charge ao contexto histórico da enunciação e considerando as demais possíveis vozes que atravessam o discurso, em uma leitura crítica, podemos pensar que talvez o incidente tenha sido um motivo para manifestar, de modo velado, confrontos ideológicos de esferas discursivas diferentes (orientação partidária), conforme apresentamos em nossa apreciação. Assim, a partir dessas reflexões, podemos perceber na charge vozes referentes ao incêndio da boate em Santa Maria, vozes acerca do discurso político e também vozes que entoam um discurso religioso.

A publicação da charge de Caruso foi alvo de comentários³¹, em alguns sites, como é o caso do *Portal Fórum*, que através de um espaço intitulado *Blog do Rovai* veiculou no dia 28 de janeiro de 2013 uma matéria intitulada *Jornalismo urubu: Chico Caruso, Noblat e a canalhice de fazer humor com Santa Maria*³². O autor do texto menciona que a charge é vista como um insulto. Acrescenta, ainda, a indignação de ter no *Blog do Noblat* a charge vinculada à palavra humor e que sua publicação foi “uma tentativa barata de agredir a presidente e politizar a tragédia”.

O site *Observatório da imprensa*³³, por sua vez, publicou no dia 29 de janeiro um artigo intitulado “A emoção útil e a charge infeliz”. Nele podemos ler que:

Não há dúvida de que qualquer discurso comporta mais de uma interpretação, mas exatamente por isso o argumento de Noblat³⁴ não

³¹ Só no *Blog do Noblat* existem 252 comentários repudiando a publicação da charge.

³² Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2013/01/28/jornalismo-urubu-chico-caruso-noblat-e-a-coragem-de-fazer-humor-com-santa-maria/>. Acesso em 17 de maio 2014.

³³ Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_emocao_util_e_a_charge_infeliz. Acesso em 18 de maio de 2013.

³⁴ “Os que criticam a charge do Chico Caruso perderam o bom senso, a se levar em conta a violência com que escrevem. O que a charge tem de chocante, de desrespeitosa com quem quer que seja? Dilma pôr as mãos na cabeça e dizer ‘Santa Maria’? Isso é um absurdo? [...] Dilma não faz política quando grita ‘Virgem Maria’. Nem a charge sugere isso. Dilma revela seu desespero. Sua inconformidade. Que é nossa também. Ela não tem culpa alguma pelo que aconteceu. Foi solidária com todos os que sofrem. Esteve em Santa Maria. Sinceramente se comoveu com o que viu. O que tem mais na charge? A boate transformada numa prisão? As janelas gradeadas? As mãos crispadas dos que ali ficaram retidos clamando por ajuda? Mas não foi mesmo numa prisão em que a boate se transformou? Numa armadilha? Numa ratoeira? Perdão, mas vocês não sacaram nada, nadinha” (extraído de *Observatório da imprensa*).

se sustenta: porque a desqualificação de seus interlocutores ao final – “você não sacaram nada, nadinha” – supõe um sentido único e, a rigor, muito improvável, dada a sistemática postura do jornal contra o governo petista. (**Comentário 4**)

A declaração de que “[...] qualquer discurso comporta mais de uma interpretação [...]” faz referência ao comentário do colunista Noblat, veiculado em seu endereço eletrônico *Blog do Noblat*, em razão das críticas à publicação da charge de Caruso.

As charges que dialogam com o incêndio da boate em Santa Maria foram alvos de críticas por terem sido vinculadas em um momento delicado em que a população brasileira sofria por conta da tragédia na cidade gaúcha. Muitas pessoas sensibilizadas com a dor das famílias que perderam filhos, conhecidos, amigos, pessoas que lhes eram próximas tomaram as charges como agressivas, como uma forma de insulto.

As charges dialogam com o incidente, refletem a situação vivida pelas vítimas. Por outro lado, refratam sentidos diferentes porque cada indivíduo aproximou-se de alguma forma da dor causada pela tragédia. Assim, as críticas apareceram sobre o entendimento de que a charge é um gênero de humor e não cabe humor frente à morte. No horizonte social em que nos encontramos enquanto sociedade brasileira, a morte é normalmente valorada como um período de sofrimento e condenação. As vozes que estão “autorizadas” pelos valores fixos que conduzem os comportamentos sociais são aquelas que ressoam pêsames, condolências e sentimentos de lamento frente às perdas.

Após refletir sobre as polêmicas focalizadas em torno de charges que tem como tópico a morte trágica, podemos perceber que a charge de Marco Aurélio (primeira charge analisada) apresenta signos ideológicos ligados às vozes sociais que enunciam que no céu há alguém que nos recebe e ampara. Assim, talvez o projeto enunciativo do locutor tenha sido o de consolar aos vitimados e seus familiares. Ademais, de modo sutil, pode servir como forma de registro da tragédia, no sentido de anunciar à população que um incidente dessa proporção aconteceu e, assim, funcionar como denúncia, como alerta. Dessa maneira, configuraria uma crítica quanto à morte em massa, morte de jovens.

Já na charge de Caruso (segunda charge analisada), somos levados pelos elementos que a compõe, bem como por sua situação enunciativa concreta na vida social, isto é, o incêndio na boate Kiss, a entender que a jaula pode simbolizar o possível transtorno para sair de dentro da boate ou simbolizar a impossibilidade de sair – haja vista que a manchete da capa do jornal *O Globo* do dia da publicação da charge

apresenta que “[...] ao tentar escapar, estudantes encontraram a única saída bloqueada por seguranças³⁵”.

É, pois, oportuno observar que os discursos-resposta a que tivemos acesso questionam a relação tragédia-humor e também a relação tragédia-acusação política³⁶.

Depois de todo o dito, sublinhamos que a charge é um gênero discursivo cuja complexidade intriga e requer que reflitamos sobre a maneira como os sentidos se constituem. Não só os elementos culturais são importantes para a valoração que se faz dela como o momento histórico da enunciação em que se situa importa para compreendê-la. Ademais, o leitor tem de estar preparado para passar de uma leitura focada nos elementos aparentes, que compreende os elementos do discurso e se encerra neles para adentrar a uma leitura crítica que coloca a construção composicional, o tema e o estilo da charge em expansão, compreendendo a charge como um discurso concreto e vivo que postula uma crítica frente aos temas da contemporaneidade.

Sendo assim, podemos perceber, a partir do exposto, que a linguagem constrói discursivamente os fatos sociais. A realidade é construída, pois se edifica na relação dialógica entre discursos situados em um tempo e um espaço definidos a partir da interação entre um locutor, um tema e um interlocutor.

Após analisarmos os discursos que colocamos em questão, foi possível perceber que a produção do sentido não está somente em um dos parceiros comunicativos, isto é, não é de domínio do falante (embora ele tenha um projeto enunciativo, o sentido não é de sua exclusividade), tampouco responsabilidade única do ouvinte, no entendimento de que ele não pode realizar qualquer interpretação do discurso que lhe chega. O sentido, pois, é edificado na relação entre locutor, objeto e interlocutor sempre com base nas relações dialógicas que se apresentam na cadeia discursiva. Isso quer dizer que o ouvinte, por exemplo, não pode tomar isoladamente o discurso que recebe, tem de compreendê-lo na continuidade dos discursos já-ditos.

De toda forma, a relação dialógica que promove a produção dos sentidos em circulação pode se dar com os discursos selecionados pelo interlocutor, devido à

³⁵ Disponível em <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/primeiras-paginas/o-horror-na-boate-8978056>. Acesso em 18 de maio de 2014.

³⁶ Ademais das já mencionadas podemos ler críticas em <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/caruso-x-latuff/>; <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/as-reacoes-contr-a-charge-de-chico-caruso.html>; <https://palavrastodaspalavras.wordpress.com/2013/01/30/chico-caruso-as-reacoes-contr-a-sua-charge-sobre-a-tragedia-de-santa-mariars/>.

valoração que ele faz do discurso ao qual está tomando uma atitude responsiva ativa. Nessa perspectiva, essa seleção de discursos e as relações com ele feitas podem originar leituras diferentes daquelas apontadas pelo projeto enunciativo do locutor que o interlocutor responde, causando sentidos polêmicos, conforme foi discutido durante as análises.

CONSIDERAÇÕES (FINAIS)

A seção que trata das considerações finais deste trabalho ocupa-se do relativo acabamento desta dissertação. Aqui nossa proposta é sublinhar pontos importantes, complementar outros, a fim de possibilitar a conclusibilidade necessária para dar lugar à atitude responsiva do outro, de outros pesquisadores e até mesmo dos outros *nós* que venham a encontrar-se novamente com as ideias pensadas neste trabalho, vislumbrando colocá-las em discussão sob outra ótica, desejando ampliá-las ou, ainda, situar nelas uma contrapalavra.

O interesse pela compreensão da charge teve sua origem motivada por questões de ensino que surgiram durante o tempo de estágio na graduação em Letras. Depois de lá, a inquietação com o objeto charge só fez aumentar toda vez que eram observadas as apreciações de leitores em meios de comunicação e espaços de opinião na internet como jornais, sítios de discussão e páginas de conteúdo pessoal, por exemplo.

Sendo assim, durante o mestrado em Linguística, e com base na bagagem teórica adquirida nas interações sociais no ambiente acadêmico da pós-graduação, surgiu a vontade de pesquisar sobre como se dá a construção do sentido na charge, sobretudo refletir e analisar como se edificam as diferentes interpretações de charges polêmicas por terem gerado leituras diferentes daquelas esperadas com base no projeto enunciativo dos chargistas.

O objetivo geral do trabalho, portanto, foi analisar, a partir do exame de quatro charges veiculadas na mídia brasileira entre 2011 e 2014 e onze discursos-resposta, situados no mesmo ano, o que resultou na polêmica dos sentidos produzidos. Assim, sob o viés enunciativo-discursivo, foram observados, por um lado, como acontece a construção dialógica dos sentidos nas charges, e, por outro, como os leitores se posicionam a respeito delas. Em outras palavras, exploramos como se edifica o sentido especificamente em charges que apresentam conflito, divergência, entre o possível efeito de sentido pretendido pela articulação dos elementos verbo-visuais da charge e as leituras realizadas por seus interlocutores.

Nessa perspectiva, nossa questão de pesquisa foi: Como se dá a construção dialógica de sentidos, considerando a produção e recepção do discurso, em charges tidas como polêmicas?

Como objetivos específicos, buscamos (a) examinar de que forma as diferentes vozes sociais que atravessam as charges polêmicas se engendram e refletem e refratam sentidos no discurso e (b) refletir sobre discursos-resposta que emergiram a partir das charges polêmicas em questão.

Para tanto, no que se refere aos procedimentos metodológicos, foram trazidos, no momento da análise, os discursos que possivelmente deram origem à charge, bem como os discursos que surgiram como uma contrapalavra também foram apresentados e analisados para que fosse possível compreender como se deu o sentido advindo da interação social entre projeto discursivo do chargista, tema (objeto do enunciado/isto de que se fala) e leitor (interlocutor). Isso porque, conforme Bakhtin ([1979] 2011, p. 371), “nenhum enunciado poder ser o primeiro e o último”, o que quer dizer que todo enunciado está em relação com já-ditos e discursos futuros que projeta.

A investigação desenvolvida embasou-se principalmente na compreensão de língua/linguagem em uso, como a entende o Círculo de Bakhtin, e também se ancorou nas noções de gêneros discursivos, enunciado, palavra, acento de valor e vozes sociais. A partir do diálogo com os autores do Círculo, podemos entender que a divergência em relação à construção de sentido acontece porque, no momento de significar os elementos verbo-visuais que constituem o discurso chárstico, o sujeito somente observa a partir de seu ponto de vista. Não há um afastamento do leitor para com o projeto de dizer da charge. Em vista disso, ele não consegue observar o contexto em que a charge se insere e realizar a leitura a partir dele, deixando escapar a crítica que está contida na charge.

Como resultados das análises realizadas, pudemos expor que os sentidos se constroem dialogicamente no gênero discursivo charge. Nesse processo, identificar as vozes que se engendram no discurso para formar os sentidos em circulação é uma parte do caminho para edificar o sentido. Depois, o leitor coloca em jogo sua apreciação social para, em tensão com o projeto enunciativo do chargista, construir os sentidos. Assim, o leitor toma uma atitude responsiva frente ao discurso que a ele se apresenta. É talvez nesse momento que a polêmica se estabeleça porque cada qual valora de maneira distinta os elementos que compõem o discurso.

Ainda listando os resultados da dissertação, podemos mencionar que algumas leituras tinham como presumido que a charge é um discurso de humor e essa relação valorou negativamente a leitura, fazendo com que o leitor se afastasse do projeto enunciativo do autor. As charges que abordam a temática da morte, por exemplo, são

vistas como grosseiras por vincular morte a humor. Essa relação é feita pelo interlocutor que tende a compreender que o humor é a finalidade da charge.

Outra questão é que talvez o desconhecimento do que seja o gênero charge possa levar a não compreensão dos sentidos veiculados. Por não saber que a charge é um gênero que necessariamente dialoga com assuntos cotidianos contemporâneos a ela e que em sua constituição a crítica está instaurada, o leitor valora os elementos que a constituem de modo distante do acabamento que a charge sugere.

Levando-se em consideração a importância social do gênero charge no que diz respeito à sua característica crítica, esperamos, a partir das reflexões propostas, contribuir para o debate sobre o ensino de leitura e a sua importância no que se refere à produção, circulação e recepção do discurso midiático na sociedade. Desejamos, ademais, motivar discussões acerca da leitura crítica, pensando em como a teoria bakhtiniana pode auxiliar no trabalho escolar para desenvolver leitores críticos, capazes de compreender a formação dialógica do discurso, sua não neutralidade, e, por conseguinte, a carga valorativa que as palavras carregam, que os enunciados deixam entrever, que a forma composicional, o estilo e o tema constroem.

A partir da observação e análise de gêneros como o chárstico, é possível levar o leitor a perceber, conforme nos diz Bakhtin, que “o sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido [...]. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto)” ([1979] 2011, p. 382).

Assim, a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva, a noção de linguagem é pensada em um âmbito social e histórico no momento e lugar de atualização do enunciado, de modo que a construção do sentido seja estabelecida dialogicamente nas práticas de interação social. Como forma de ação, de interação, de interlocução, o conceito de linguagem adotado suscita um entendimento de sujeito agente, ativo e heterogêneo, tendo em vista que todo o constructo teórico do Círculo está alicerçado no dialogismo.

Como pudemos perceber, a teoria bakhtiniana reflete e discute acerca da linguagem. Conforme menciona Brait (2006, p.9), não podemos negar que o “pensamento bakhtiniano representa, hoje, umas das maiores contribuições para os estudos da linguagem”. Seus postulados motivam estudos em perspectiva interdisciplinar, o que proporciona compreender que a linguagem tem diferentes funcionamentos para distintos grupos sociais na medida em que variados materiais

ideológicos, configurados por meio do discurso, são julgados em uma situação enunciativa específica (p. 96).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Apontamentos de 1970-1971. In: _____. *Estética da Criação Verbal* (1979). Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. Gêneros do Discurso (1952-1953). In: _____. *Estética da Criação Verbal* (1979). Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski* (1929). Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924). Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BAKHTIN, M/VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Trad. Michel Laud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAJTÍN, M/VOLOSHINOV, V. ¿Qué es el lenguaje? (1929-1930). In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. *Bajtín y Vigoski: la organización de la enunciación*. Barcelona: Antropos, 1993.

BAJTÍN, M/VOLOSHINOV, V. La construcción de la enunciación (1929-1930). In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. *Bajtín y Vigoski: la organización de la enunciación*. Barcelona: Antropos, 1993.

BARBISAN, Leci Borges. *Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem*. In: FIORIN, José Luiz [et al.]. *Saussure a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: _____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. IN: *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Disponível em www.mec.com.br. Acesso em jun. 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Orientações Curriculares para o ensino médio. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em jun. 2013.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *História da Linguística*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, Beth. *Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Unicamp, 2005.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Projeto de pesquisa: A constitutiva e tensa relação com o discurso do outro: questões de pesquisa e de formação na contemporaneidade (2012).

_____. UCPel. Questões de leitura: perspectiva dialógica (VII SENALE). 2012. (Conferência em mesa-redonda)

_____. CIPLOM - Buenos Aires. A leitura na contemporaneidade: abordagem dialógica (II CIPLOM - Buenos Aires). 2013. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

_____. Discurso. In: FLORES, Valdir do Nascimento [et al.]. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FONSECA, J. da. *Caricatura: A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

LIMA, H. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963.

MELO, Marques De, J. *Jornalismo opinativo*. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MIANI, R. A. (2010). Iconografia na imprensa alternativa do Brasil no final do século XX: a presença da caricatura no jornal “Brasil Agora”. In: *Revista Patrimônio e Memória*. Assis, 6 (1), 54-79.

_____. Charge: uma prática discursiva e ideológica. In: *9ª Arte*. 1(1), 37-48. São Paulo, (2012, jan./jun.).

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Trad. Valdemir Miotello (coordenador de tradução). São Paulo: Contexto, 2011.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, G. T. *Introdução à teoria enunciado concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medevdev*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix: 1999.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012.

TEIXEIRA, Marlene. O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.